O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 8 DE JUNHO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:474

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Oiça El-rei.—Correcção merecida.—Tem graça.—Coisas nossas.—Vergonhas.—Aviso.—Noticiario.—Santo Antonio de Lisboa.—Assumptos historicos.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Communicados.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

Oiça El-Rei

Sob esta invocação o *Correio da Noute* escreve o seguinte:

Verificaram-se, infelizmente, as nossas previsões. A suja e lamacenta questão do Nyassa não produz só vergonhas e torpezas, que exporiam os seus auctores, cumplices e intermediarios, á vindicta publica. D'essa caverna de Caco, chamada concessão do Nyassa, não ha só crimes, que seja indispensavel castigar com serenidade inexoravel. Para os, digamos assim, crimes moraes, bastaria o desprezo publico, e o ferrete na fronte dos culpados, feito com ferro candente; para os crimes sujeitos á sancção do codigo penal era bastante a intervenção dos tribunaes, aos quaes a lei impoz a missão de perseguir e punir todos os malfeitores, todos os bandidos. Tudo isto, que é grave e ao mesmo tempo triste, era questão de saneamento moral, e questão de policia judiciaria. Mas ha mais do que isto para desgraça nossa.

Esse governo, que ahi estardeia a audacia dos cynicos, e que todos os dias nos manda ameaçar com a má vontade do chefe do estado contra nós, poz a bandeira nacional a cobrir todas as torpezas, todos os crimes, praticados na chamada questão do Nyassa. Bandeou-se com um dos grupos, ao serviço do qual poz o ex-commissario regio e os sellos do estado. E porque vive de enganar o rei e o povo, diz que relaxou ao braço da justiça os criminosos e os malfeitores. Em 28 do mez proximo findo escrevemos nós:

> Os representantes do grupo inglez são recebidos carinhosamente pelo governo, e elles não se mostram receiosos do resultado. Não dissimulam mesmo o seu pensamento. A sua linguagem é clara e peremptoria: *elles são outhorgantes no contracto, e ao governo de Sua Magestade cumpre fazer-lhes o contracto bom. Tudo o mais lhes é indifferente ou ridiculo.* E' esta a linguagem franca e sem rodeios dos representantes do grupo inglez, com quem o governo conferenceia, mandando dizer pelos seus jornaes o resultado das suas conferencias, como se podesse illudir alguem. O governo é pois o grande culpado n'esta immunda negociata, a que prendeu, por desgraça nossa, a honra e os interesses do paiz.

Fizémos mais. Repetidas vezes pedimos ao ex-commissario regio, quasi exorámos, que confirmasse, ou desmentisse, o que se lhe attribuia com insistencia, isto é—que o ex-commissario regio não só fôra interprete do governo, mas tambem que *em nome d'elle ameaçara, se não fosse assignado o contracto com o chamado grupo inglez.*

Ainda mais. O jornal portuense, *A Provincia*, escreve tambem:

……

> Ainda mais. Noticias da capital garantem-nos, d'um modo cathegorico, que o sr. Pedro Victor, ex-commissario regio, procurára convencer o sr. visconde d'Asseca de que era indispensavel assignar aquelle contracto, porque o governo assim o exigia, sob pena de retirar a concessão, o que concorda com as declarações do barão de Merck. O illustre titular recusou-se terminantemente a pôr o seu nome no contracto, onde a honra e o credito do paiz eram vendidos, não se sabe—porque preço. São pois chamados á autoria, n'este novo periodo de tão suja questão, o inculcado director da Companhia, o sr. Arroyo, o ex-commissario regio, o sr. visconde d'Asseca, e o governo.

……

> Estas perguntas hão de ter, forçosamente, alguma resposta; e, se não tiverem, dal-a-hemos nós. Adversarios implacaveis de todo o governo, e portanto do sr. ministro da marinha, temos motivos para crer, que, embora assoberbado de responsabilidades n'esta lamacenta questão, e que não póde declinar, as ordens e imposições, de que fala o barão de Merck, apoiado no sr. Arroyo e commissario regio adjunto da companhia, dimanaram directamente do presidente do conselho.

Nem o inculcado presidente da companhia, nem o sr. visconde d'Asseca, nem o ex-commissario regio responderam ao appello da imprensa, que invocava o seu testemunho, como quem desejava louvar-se n'elle, para definir responsabilidades. Mas tambem não ousaram contradictarnos. E de tudo resulta—que *o contracto feito com o chamado grupo inglez fôra não só apoiado, mas imposto pelo governo, sob pena de ficar sem effeito a concessão. O commissario regio foi o interprete dos desejos e imposição do governo.*

*

O grupo inglez, ou assim chamado, já disse da sua justiça, e já sabemos que elle declarou que—*contractára com o governo, e que este lhe faria o contracto bom.* E' uma affirmação summaria e decisiva. O representante do governo inglez n'esta côrte *recebeu com todas as demonstrações solemnes e suggestivas* os delegados do grupo inglez. Parece tambem desnecessario dizer mais, por ora, sobre o caso. Chega finalmente a vez ao grupo chamado francez, e confirma-se que está em Lisboa mr. *Willert, delegado d'aquelle grupo.* Affirma se tambem e os desmentidos da imprensa officiosa, por desacreditados, não podem tranquilisar ninguem, que este delegado encontrou apoio no encarregado dos negocios do seu paiz. A verdade, a triste verdade, —*é pois existir a intervenção diplomatica na suja e immoralissima questão do Nyassa.* A verdade, a triste verdade, é que o governo, pelos seus erros e pela sua indiscutivel intervenção, lançou a bandeira nacional n'aquelle monturo, d'onde será difficil arrancal-a, limpa e honrada.

*

Mas o governo tripudia porque não ha parlamento, porque não ha leis, porque não ha carta constitucional. As nações estrangeiras não teem diante de si um *governo legal.* O paiz está representado por um grupo que assaltou os poderes do estado, e chamma indigno pela bocca do sr. presidente do conselho e covarde ao mesmo paiz, porque este não levanta barricadas na rua, porque este senão revolta.

Mas se a força bruta é a que dirime as contendas, as nações estrangeiras sabem qual o caminho mais curto a seguir. Casimir-Perier, antes de nos proclamar despresiveis, dizia aos delegados do governo, que em Portugal não havia leis, mas apenas governo; e para encurtar razões poz a espada de Breno na balança da justiça. E o governo poz os empobrecidos cofres do estado ás ordens do governo francez.

Agora acontecerá o mesmo. A diplomacia importa-se pouco com o nosso descredito, se é que a não nauseia a abjecção, em que se debate a nação portugueza, que tolera um governo que a opprime, escarnece e deshonra.

Estamos sem defeza; e para que a corrupção impere e domine, e para que os Nyassas triumphem, é que se mandaram pôr escriptos no palacio das côrtes. E' para isto, e só para isto, que se vive n'este opprobrioso regimen, que a todos nos avilta, que a todos nos degrada.

Correcção merecida

O *Jornal do Commercio*, em desforço do que o sr. Erico Coelho disse na tribuna brazileira a proposito do nosso representante n'aquelle paiz, o sr. Thomaz Ribeiro, escreve, com justo motivo, com profundo patriotismo e com prova da mais relevante energia o seguinte artigo:

Se as imprudencias e incorrecções do nosso governo não lograram passar um traço sobre a velha confraternidade luso brazileira, tão pouco o conseguirão as vozes do sr. deputado *nativista* Erico Coelho, que na camara dos deputados brazileiros não duvidou aggredir a pessoa do sr. Thomaz Ribeiro, nosso ministro no Rio, com notavel descortezia reflexa para a nação que elle representa, o que é tanto mais chocante, quanto o sr. Assis Brazil acabava de ser recebido aqui com demonstrações de enthusiastica sympathia, como nunca a ministro algum se haviam tributado.

Não queremos exagerar a importancia da attitude cretina do sr. Erico, mas se é licito a um deputado brazileiro exprimir com inteira e inconveniente liberdade o seu pensamento a respeito de um ministro de Portugal, nem elle, nem os seus confrades nativistas terão de estranhar que um jornalista portuguez replique a esse odioso *nativismo*, expressando que elle é essencialmente estupido e ingrato.

Estupido, porque nas veias dos nativistas corre tanto o sangue tapuya como o portuguez, e a lingua com que nos insultam não é d'elles mas nossa.

Ingrato, porque esquece que foi Portugal que levou a civilização ao Brazil, e que ao contrario do saxão, que recusou ao *indio* a honra de com elle se cruzar pelo laço material e moral do amor, o portuguez foi prompto em eleger, entre os emplumados avós do sr. Erico Coelho, as esposas, de cujos ventres brotou o Brazil moderno.

Na verdade, o sr. deputado Erico, antes de haver recitado as baboseiras, que a opinião brazileira aliás immediatamente repudiou, deveria ter-se lembrado, de que se alli as podia proferir em lingua intelligivel e civilisada, aos portuguezes o devia; como egualmente lhes deve o ter sahido de esse estado adamitico, de que aliás parece ter tantas saudades, e em que, sarapintado pela tatuagem, encobertos apenas os attributos do sexo, com uma argolla a trespassar-lhe o nariz, na cabeça multicores pennas de papagaio, o tronco nativista dos Ericos dormia á sombra dos coqueiros, sem sequer sonhar, que, pela alliança com os portuguezes, os seus netos haviam de um dia constituir uma nação illustre e universalmente respeitada, avantajada até áquella que lhe trouxe o melhor da sua seiva. E' duro ter de falar assim, mas impõem-no aquelles, que, tendo nas veias o nosso sangue, o repudiam insolentemente, para de preferencia se vangloriarem de um autochtonismo, de que só ha já vestigios, aliás raros, nos selvaticos instinctos, de que o sr. Erico Coelho, confessamol-o, parece ser um dos melhores e mais lastimaveis exemplares.

E não imagine o sr. Erico ir para os seus clubs intrigar, pela correcção que aqui lhe applicamos, contra os portuguezes, insinuando que offendemos as fontes nativas das suas origens historicas. Não, o que nós defendemos, contra os chamados *nativistas*, é que o que abunda no brazileiro e o eleva, salvo excepcionalidades atavicas, é a nobre florescencia celta do sangue portuguez e que, assim, quando elle insulta Portugal, a si mesmo se insulta.

E não somos nós, repare o sr. deputado Erico, que o dizemos. Disse-o mui expressivamente o illustre ministro brazileiro o sr. Assis-Brazil no grande banquete, celebrado no theatro de S. Carlos em sua homenagem:

«Portugal não pode morrer por que ainda que um cataclysmo geologico lhe subvertesse o solo europeo, além do Atlantico, no Brazil, está um outro Portugal!»

Tem graça

A imprensa affecta aos dictadores, fez com estrondo a participação ao mundo de que ao nosso presadissimo amigo e abalisado jurisconsulto, sr. dr. Barbosa de Magalhães, pertencia a paternidade d'uns artigos publicados no *Correio da Noite* sobre a questão do Nyassa. O *Correio* desmentiu, porque a verdade é que taes artigos não são da proveniencia apontada, mas a guerrilha não se deu por satisfeita e continuou na falsa asseveração.

De entre toda ella, destacamos a seguinte curiosa apreciação do *Popular*:

> Diz o *Correio da Noite*:
>
> «E' falso, absolutamente falso, que o nosso correligionario, sr. dr. Barbosa de Magalhães, nos tenha honrado com qualquer escripto ácerca da parte do Nyassa. E' mais um dente que se aparta a uma bem innabil calumnia. Não é com processo como este, que conseguirão fazer-nos desviar do nosso caminho.»
>
> «Muito bem. Mas é verdade que o sr. dr. Barbosa de Magalhães, empregado superior de direcção geral do Ultramar, eleito director pelo grupo chamado francez, acceitou procuração d'esse grupo contra o libello apresentado pelo ministerio publico em cumprimento das ordens do governo. Só em Portugal poderia isto succeder, e em tempos de tyrannia ainda é melhor.»

Só em Portugal, diremos nós, se escreve por tal forma. Pois não está o sr. dr. Barbosa de Magalhães no seu plenissimo direito de advogar quantas questões queira, vista a sua qualidade de advogado, seja ou não seja empregado d'este ou d'aquelle ministerio?

Então porque desempenha um logar publico, não está s. ex.ª, como toda a gente, no direito de advogar contra Paulo a favor de Sancho, ou contra Sancho a favor de Paulo? Tem graça esta theoria do *Popular*, a quem parece que o illustre causidico faz sombra, pois lhe não poupa nunca a sua «boa vontade». Que ratões e que liberaes!

Coisas nossas

Não nos dirão de que serve ahi, desmontada, a crear ferrugem, a inutilisar-se por conseguinte, a draga que para ahi veio? Que bella obra, a d'este governo do Senhor! Espesinha as garantias publicas, esmaga a liberdade dos cidadãos, deshonra o nome do paiz, cobre de lama a dignidade do poder, persegue, desmoralisa, cava a ruina da nação, põe em desordem todos os elementos d'ella, esfrangalha a lei, faz da constituição um farrapo, do direito uma inutilidade, da justiça um verdugo contra os pequenos e os humildes, e eis tudo, eis em quanto se converteu a sua acção. A missão patriotica e civilisadora que lhe cumpria desempenhar, que elle jurou desempenhar ao escalar pelo ardil os degraus do poder, é todo este sudario de miserias e de baixezas.

Do que é nobre, sério e digno, não cura elle. Não, que isso se não coaduna com os seus interesses e os seus desejos.

Vae por todo o paiz um movimento de protesto justissimo contra elle; mas elle é que se não rala nem prende com semelhantes ninharias.

Os quarteis estão sem soldados, e as guardas estão sendo feitas pela policia, onde a ha. Nos pontos em que ella não existe, vae tudo como Deus é servido. Entretanto o *Festas*, o grande *Festas*, que ha de sustentar o throno nas pontas das bayonetas, lá vae a caminho de general... e da immortalidade. Elle é, decididamente, o segundo homem d'este seculo, pois que o primeiro é o heroe do carapau, o ditador de 92, e a esse ninguem leva a palma.

Mas, francamente, não nos diz o governo, não nos diz a sua imprensa, o que é que o sr. ministro das obras publicas tenciona fazer do traste que, pelo seu ministerio, nos mandou para ahi ha mezes e que a ferrugem vae comendo e destruindo? Os esteiros e canaes estão ahi, por toda essa ria além, preparando o fóco d'uma tremenda infecção, que ha de pôr em iminente risco a saude publica. A lama e os detrictos de todas as especies, vão-se amontoando dia a dia até dentro da cidade, e não ha meio de nos vermos livres d'elles, porque as justissimas instancias da repartição competente são desatendidas nas estações superiores.

O governo, este feliz governo que nos rege, porque cobre o lamaçal tremendo do Nyassa, investindo contra a propria dignidade, imagina-se no direito de investir tambem contra a saude publica cobrindo por toda a parte as porcarias que a ameaçam. Sempre o mesmo, e em tudo o mesmo!

A camara municipal d'este concelho, solicita como é, resolveu representar para que a draga seja montada desde já e se comecem os serviços de limpeza. Mas porque o governo é o que é e não o que devia ser, é fóra de toda a duvida que as suas instancias não serão attendidas. E se não, vêl-o-hemos.

Vergonhas

Por vezes nos referimos já ao escandaloso caso das emissões de estampilhas commemorativas, de que o governo portuguez, na vanguarda de todas as outras nações, está uzando e abusando indecorosamente.

Na França, em Inglaterra, na Allemanha e outros paizes, os negociantes e collecionadores resolveram já, como dissemos, não adquirir uma só das estampilhas antonianas. Resultado, é que o governo as paga por bom preço, e além da vergonha que o monopolio traduz, não lucra, antes perde quanto dispende na sua confecção. Não ha jornal phylatelico estrangeiro que se não refira ao caso censurando-nos, deprimindo-nos e vexando-nos mesmo. Uma amostra, que publica o ultimo n.º de *L'Ami des timbes*, sob o titulo de *Portugal:*

«Porque este malaventurado paiz se vê falto de meios, não pensa senão em emissões commemorativas, para obter, á custa dos amadores, augmento de fundos. Esta emissão, que parece ter por fim celebrar o 7.º centenario de Santo Antonio, não é mais do que um pretexto para cunhar mais tres typos, dos seguintes valores: 1.º typo, de 5 a 20 réis, ascenção de Santo Antonio; 2.º typo, de 25 a 100 réis, Santo Antonio prégando aos peixes, novos proselytos; 3.º typo, de 150 a 1$000 réis, o retrato do santo; a pé ou a cavallo?»

Ora isto, devemos concordar, é profundamente ridiculo. Mas os homens do governo é que se não incommodam com bagatellas d'este quilate, e porisso continuam n'este bello caminho, de degradação em degradação, de baixeza em baixeza, até á deshonra completa do nome portuguez.

AVISO

Por ordem do ex.mo sr. presidente, é convocada a Associação Commercial d'Aveiro para se reunir ámanhã, domingo, pelas 11 horas e meia da manhã, na sala das sessões da Associação, na rua da Alfandega (casa do sr. José Maria Vinagre), afim de resolver sobre os meios a empregar para conseguir a montagem da draga e a continuação das obras da barra, applicando-se a estas o imposto especial que o districto d'Aveiro paga ha já muitos annos. Se não se reunir o numero de 20 socios, marcado no art. 9 do regulamento da Associação, desde já fica designado o dia 10 do corrente para nova reunião, que terá logar ás 7 horas e meia da tarde.

Aveiro, 8 de junho de 1895.

O secretario,
Domingos José dos Santos Leite.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Tivemos o praser de receber a visita do sr. Pedro Cezar de Brito, distincto e intelligente empregado publico ilheu, e irmão do nosso presado amigo, o sr. Alfredo Cesar de Brito, dignissimo fiel da direcção telegrapho-postal d'este districto. A sua demora será curta n'esta cidade.

—Acha-se aqui ha dias o sr. Augusto Varella, digno aspirante telegrapho-postal, em serviço na direcção d'esta cidade. Consta-nos ser um empregado habil e um cavalheiro.

— De visita a seu irmão, o nosso estimavel collega dos *Successos*, sr. Marques Villar, estão no Corgo Commum, desde ante-hontem, os srs. Raymundo e José Marques Villar.

Anniversarios.— Sob a epigraphe que precede estas linhas o nosso presado collega da *Aurora do Lima*, de 5, escreve:

> «Passa hoje o anniversario natalicio de dois dos nossos conterraneos mais distinctos, o sr. Manuel Affonso d'Espergueira, engenheiro illustre, caracter primoroso que gosa em todo o paiz das maiores sympathias, cidadão a quem a nossa terra deve serviços inigualaveis e constantes; e o sr. Joaquim José Cerqueira, insigne philantropo, patriota da mais fina tempera, o cavalheiro cujos dotes de intelligencia são tamanhos como os predicados do seu generoso coração. Para todos os amigos e admiradores d'estes dois notaveis viannenses é hoje, pois, um dia festivo. Congratulamo-nos em entrar felizmente no numero d'ellos, e por isso enviamos aos nossos dois illustres conterraneos as nossas felicitações mais calorosas.»

Simplesmente exacto no que respeita ás qualidades de caracter e aos meritos de tão distinctos cidadãos. E porque a ambos testemunhamos a mais respeitosa consideração, tambem d'aqui os felicitamos pelo seu anniversario.

Acto.—Concluiu a sua formatura em direito o nosso distincto collega e amigo, sr. Antonio Homem de Mello Macedo, de Agueda, o festejado *Toy*. A sua chegada á terra natal foi assignalada festivamente pelos seus numerosos amigos e admiradores.

Exposição d'arte sacra.—Percorreu já grande parte dos concelhos de Albergaria a Velha, Sever do Vouga, Agueda e Oliveira do Bairro, o nosso collega sr. Marques Gomes, em demanda de objectos para a exposição d'arte sacra. A colheita tem sido boa e tudo faz prever que a representação do districto de Aveiro será, como tanto se deseja, brilhante. O sr. Marques Gomes partiu hoje para Oliveira d'Azemeis e Arouca.

Fallecimento.—Falleceu na Guarda o sr. Luiz Moreira de Mattos, filho do nosso antigo amigo, sr. Manuel José de Mattos Junior, acreditado negociante n'esta cidade. O extincto soffria ha muito d'uma tuberculose e estava alli procurando alivio aos seus soffrimentos. Era um moço intelligente e de bom comportamento. Muito sério, muito trabalhador, bom filho e bom irmão, finou-se, deixando a mais dolorosa saudade a toda a gente que o conhecia.

A seu honrado pae e a seus thios enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa dôr.

«Os Successos». — Foi hoje julgado, como noticiámos, no tribunal judicial d'esta comarca, o nosso presado amigo e collega dos *Successos*, sr. Marques Villar. Como advogados do réu d'este enormissimo crime —supostas offensas ao rei e ao ministerio, que são na verdade os melhores amigos e deffensores d'este paiz á beira-mar plantado,—tomam logar na sala, o illustre jurisconsulto e nosso muito presado amigo, sr. conselheiro Albano de Mello, e os srs. dr. Joaquim Ruella e M. J. Teixeira.

Na impossibilidade de darmos hoje a noticia circumstanciada do julgamento, porque o nosso jornal está a entrar na machina, limitar-nos-hemos a dizer o indispensavel.

O tribunal está repleto de assistentes, que a todos interessa a causa da imprensa, que defende a liberdade esmagada. Está gente de quasi todos os concelhos do districto.

Falla em primeiro logar o dignissimo agente do ministerio publico, que em curtas mas persuasivas palavras expõe os motivos da sua accusação. Segue-se-lhe o sr. conselheiro Albano de Mello, que faz um discurso eloquente, com palavras de inteira justiça para o integerrimo presidente do tribunal e demonstrando á evidencia a não culpabilidade do réu; e depois o venerando juiz, que expõe com uma clareza nitidissima a questão, que tem tambem as palavras da mais alta e merecida justiça para com o esclarecido delegado do procurador régio, e que faz o elogio do sr. conselheiro Albano de Mello, homem de bem ás direitas, jornalista vigoroso, e notabilissimo exemplo para todos. Sua ex.ª considera offensiva apenas a palavra *patifaria* empregada pelos *Successos*, e condemna-o em 15 dias a 100 réis.

Dada a circumstancia de ser considerada injuriosa aquella simples palavra pelo illustre presidente do tribunal, a pena foi bem recebida pela opinião, pois que foi a mais leve que podia dar-se. Esperavamol-o assim do digno juiz, que é para todos uma garantia. E ainda bem que é assim.

O que perguntamos, á ave negra do governo civil, é se a pessoa do rei e dos ministros ficou por isto illibada das accusações que lhes fazem.

Theatro aveirense. — Com as comedias *Ressonar sem dormir*, *Dois estudantes no prego*, *Medico-mania*, effectuou-se na quinta-feira ultima, no theatro *Aveirense*, a annunciada récita dos estudantes d'esta cidade, em que veio tomar parte a distincta actriz portoense, Rosa d'Oliveira.

Casa quasi completamente cheia, singella mas elegantemente ornamentada, com fitas, livros, capas, instrumentos musicos, etc., tinha a sala o aspecto alegre das melhores noites alli passadas, abrindo-se o espectaculo com o hymno academico, que é sempre ouvido com enthusiasmo.

Sóbe depois á scena a primeira comedia, em que se destacam Rosa de Oliveira, cujos merecimentos artisticos lhe conquistaram um nome, e cujo elogio está feito ha muito; Marques Fonseca, que fez um magnifico papel de recruta, dizendo sempre bem e de fórma a despertar a gargalhada em toda a sala; P. Santos, que áparte uns pequenos exageros tragicos, proprios de quem pisa pela primeira vez o palco e em papeis de força, agradou geralmente; e A. Belleza, que fez com graça um pequeno papel de creado.

O pano desce, e em seguida a plateia pede ao applicado alumno do 1.º anno juridico da Universidade, que alli estava, sr. José Luciano de Castro Corte Real, para tocar e cantar o fado, ao que accede, apparecendo pouco depois no palco, com o sr. Carlos Mendes, um distincto desenhista que é ao mesmo tempo um musico e compositor habilissimo. Faz-se-lhes uma ovação merecida, que se repete ao terminarem.

Recita em seguida a primorosa poesia de Junqueiro «A lagrima», o sr. A. Vilhegas, que tem uma exposição agradavel e que dá ao verso primoroso, na fórma de dizer, a expressão suave e doce que o auctor quiz imprimir-lhe.

A orchestra executa em seguida uma valsa do sr. Carlos Mendes, que é muito applaudida, representando-se depois as duas ultimas comedias, em que mais uma vez se distinguiram Rosa d'Oliveira, Marques Fonseca, A. Vilhegas, A. Bellezas e P. Santos.

O espectaculo terminou era 1 hora da noite, seguindo-se-lhe uma lauta ceia, offerecida a Rosa d'Oliveira, no conceituado *Hotel Commercial*.

Eis o *menu* d'ella, que foi superiormente confeccionado pelo habil cosinheiro do conhecido hotel:

Menu.—Chaud; Consemé á la Royal el Sergué; Bars á la Béchamel au gratin, Pettes Boucheis á la Reine; Filets de Bœuf á la Vert.—Prés; Fartes Trauchifrane; Meringue.—Vins Communs de Table, Porto 1870; Fructs Divers; Dessent; Liqueurs; Café; Thè.

Corpus Christi.—A camara faz este anno com a maior pompa a festa e procissão de *Corpus Christi*, que deve realisar-se a 13 do corrente. Como dissémos, a festa de egreja é já feita pela orchestra da secção *Barbosa de Magalhães do Asylo-Escola Districtal*, e á procissão vão já fardados os alumnos da mesma secção, e equipados, fazendo-lhe a guarda de honra.

A procissão, como no anno anterior, sae da Sé, percorrendo as ruas do Passeio, Direita, Costeira, Praça, Mercadores, S. Gonçalo, S. Bartholomeu, Adro da Vera-Cruz, rua da Vera-Cruz, de José Estevão, Ponte, Costeira, Largo Municipal, rua do Açougue, recolhendo de novo na Sé.

Estão sendo feitos convites para assistencia á festa e acompanhamento da procissão ás auctoridades locaes, funccionarios, etc.

Commissão.—O sr. Brée, official dos proprios nacionaes, e um outro empregado da mesma direcção, foram encarregados de inspeccionar n'este districto tanto os edificios, como a cobrança dos fóros, pertencentes aos conventos supprimidos.

Desamortisação.—No dia 22 do corrente hão-de arrematar-se no governo civil d'este districto 26 fóros, pertencentes á Irmandade do Santissimo e Almas do concelho d'Ilhavo, e impostos em bens, sitos no dito concelho. E mais 26 fóros da mesma Irmandade, impostos em bens sito no mesmo concelho, e mais 2 no concelho de Aveiro; e um fôro, pertencente ao passal do parocho da freguezia de S. João de Ver, do concelho da Feira.

Arrematação.—No dia 15 do corrente mez ha-de realisar se, perante o governo civil d'este districto, a arrematação dos direitos de portagem da Ponte d'Angeja, sobe o rio Vouga, a cobrar no anno economico proximo futuro.

Mudança de estabelecimento e de escriptorio.—O nosso presado amigo e acreditado commerciante da praça do Porto, sr. Simão Duarte de Magalhães, mudou o seu estabelecimento e o seu escriptorio para a rua Chã n.º 101 a 103.

Trabalho de pesca.—Mar quasi sempre ruim não se tem prestado ao trabalho, e em algum dia em que o ha, o pouco que as redes trazem tem um valor excessivo. Vae mal, muito mal para esta industria, que é, sem duvida, a mais importante do districto, pois que n'ella se empregam muitos milhares de braços.

As salinas.—O tempo continua a correr mal para a colheita do sal. As marinhas estão atrazadissimas, as aguas que contém são más, porque se ressentem das chuvas que tem cahido quasi inalteravelmente; o calor não aperta e tudo isto concorre para avolumar a crença de que a nova colheita—a havel-a—será muito diminuta. Consequencia do facto é a subida constante do pouco sal existente nas eiras —sal que está apenas em 4 ou 6 mãos. Ha pouco fallava-se em 22$500 reis a medida restricta de 15:000 litros, nas eiras; agora já se falla em 25$000 reis e d'aqui a dias será o que for.

Sahida.—Hontem e hoje tem sahido pelo caminho de ferro grande quantidade de sal e consta-nos que ha pedidos para remessas em maior escala.

E não tem havido pesca nas costas, se a tivesse havido muito pouco seria já o sal na ria.

Effeitos da trovoada.—Hontem desencadeou-se uma formidavel trovoada sobre Villa Real de Santo Antonio, cahindo uma faisca electrica na casa do sr. dr. Santos Delgado, fazendo grande prejuizo. A familia da casa não soffreu mais que o susto. Em Castro Marim foram fulminados por um raio o conductor de uma carroça e as mulas que a puxavam. Em Beja tambem se fez sentir muito a trovoada, cahindo bastante graniso, que causou grandes damnos nos campos. Na Beira Alta tambem trovejou, sendo lançados por terra 16 postes telegraphicos entre Santa Combadão e Mortagua.

No Porto tambem fez estragos, principalmente no quartel do regimento 6 de infanteria. Alli uma faisca cahiu sobre o armeiro, passou em volta da cama do sargento Augusto Cezar Gonçalves, que não foi offendido, não succedendo o mesmo a alguns soldados que estavam na entrada do portão por onde entrou, chegando a queimar os pés e as pernas a alguns, ficando em tal estado de terror que foram levados para o hospital em maca. Em outros pontos da cidade cahiram tambem faiscas que causaram damno. Felizmente não consta que houvessem desgraças pessoaes.

Em Alcobaça uma faisca matou uma pobre mulher de Maiorca.

Por toda a parte a trovoada de hontem, onde se sentiu, fez estragos.

Desapparecimento misterioso. — Desappareceu ha já bastantes dias, de Braga, o alferes Cunha, official de infanteria 8, exactissimo no cumprimento dos seus deveres, intelligente e activo—diz um collega d'alli. Examinada a escripturação a seu cargo, reconheceu-se que estava tudo regularissimo, não havendo desfalque algum. Ignora-se por completo o destino do brioso militar, tendo sido improficuas por emquanto as diligencias empregadas para obter alguns esclarecimentos. Tudo tem sido em vão, o que é muito para sentir.

Noticias da Mealhada.—Em 1 de junho.—Realisou-se a arrematação da construcção do edificio dos Paços do concelho, sendo adjudicada ao empreiteiro da Figueira, sr. João Gaspar Marques e Neves, pela quantia de 8:559$000 réis. O preço do terreno adquirido fo de um conto de réis.

— Foi já vistoriada pelo distincto engenheiro, o sr. Fortunato Augusto Freire Themudo, natural dessa cidade, a caldeira a vapor da machina do estabelecimento dos banhos de Luso, verificando-se estar em exellentes condições de poder funccionar. Alli estão muitos forasteiros, e ainda se esperam mais.

— O nosso estimavel amigo, o sr. Augusto Serra, muito digno administrador d'este concelho, tem-se cançado a pedir providencias, a fim de vir para aqui uma força de policia civil, para evitar a continua roubalheira que vãe por este conceho fóra, mas não tem sido attendido até hoje.

Despachos de justiça.—Verificaram-se os seguintes:

Manuel de Feires, juiz de direito de Peso da Regoa, transferido para a comarca de Santo Thyrso.

Antonio Teixeira Alves Martins, juiz de direito d'Ovar, transferido para o Peso da Regoa.

Sebastião Joaquim Lopes da Silva, juiz de direito de 2.ª classe, servindo no Cartaxo, promovido a juiz de direito de 1.ª classe e nomeado para Ovar.

José Maria Pedroso Barata dos Reis, juiz de direito de Soure, transferido para o Cartaxo.

José Manuel Cerqueira Gomes, 3.º substituto do juiz presidente do tribunal do commercio do Porto, e Adriano Anthero de Sousa Pinto, nomeados para servirem no corrente anno e segundo a ordem das suas nomeações os cargos de 2.º e 3.º substitutos do juiz presidente do mesmo tribunal.

Francisco Antonio de Miranda, exonerado do cargo de 1.º substituto do juiz de direito de Albergaria a Velha.

José Luiz Ferreira Freire, exonerado de 1.º substituto do juiz de direito de Cantanhede.

Manuel Gonçalves Lage, exonerado do cargo de 2.º substituto do juiz de direito de Montalegre.

João Marques Vidal, exonerado do logar de subdelegado do procurador regio da Anadia.

Julio Augusto Sampaio Duarte, nomeado para o referido logar.

Abel do Nascimento da Costa Faria e Silva, exonerado de subdelegado do procurador regio de Barcellos.

Arthur Maciel de Faria Machado, nomeado para o referido logar.

Ayres Solo de Sousa Ramos Arnaud, idem de Castello de Paiva.

Luiz das Neves Alves Baptista, idem na Covilhã.

Antonio dos Reis Torgal Roque, idem na de Extremoz.

Francisco Simões dos Reis, idem na 5.ª vara de Lisboa.

José Pedro da Silva Victoria, idem na de Miranda do Douro.

Manuel Joaquim Vieira Junior, idem na de Ovar.

José da Silveira Brandão Freire Themudo, exonerado de sub-delegado do procurador regio de Penacova.

José Maria de Magalhães Pimentel, idem, idem, de Rezende.

Manuel Loureiro da Fonseca, nomeado para o referido logar.

Antonio José Curado, exonerado de conservador privativo do registo predial de Coruche.

José Joaquim de Medeiros, exonerado de escrivão e tabellião da Povoação.

Augusto Pereira Gouveia Godinho, exonerado de escrivão do julgado municipal de Ferreira do Zezere, em Thomar.

José Augusto da Silva Garcez, nomeado para o referido logar.

Manuel José Tavares Rebimbas, exonerado de 2.º substituto do juiz de paz da Mortoza, Estarreja.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

O orador

I

Não ha duvidal-o agora: foi Santo Antonio um dos mais insignes e applaudidos oradores, talvez o orador mais insigne e applaudido do seu tempo. Dizem-no as memorias mais antigas. Doutos e indoutos concorriam de uma e outra parte a ouvil-o, e ouvil-o, para doutos e para indoutos, era admiral-o. Pasmo e enlevo das creanças e das mulheres, das mulheres promptas sempre como as creanças e que na bondade e graça se assemelham, a amar o que é do Céu e para o Céu; pasmo e enlevo de grandes e pequenos. Pareceram pouco as mais amplas cathedraes para abrigarem a turba ou agitada ou extatica de seus ouvintes. As praças publicas nas cidades populosas, os valles mais remotos e calados, as vastas planicies verdejantes,as descampadas charnecas, as desertas selvas, converteram-as muita vez em templos as multidões anciosas na sede da sua palavra lucida como o Céu que as cobria, fogosa como o sol a chamejar no espaço.

Um dia, affirma tradição piedosamente encarecida talvez, mas de grande significação sem duvida, nada menos de trinta mil pessoas em fervor e ancia se congregaram para em plaino accommodado ao intento, ouvir quem tão sublimemente lhes fallava de Deus e de suas cousas. E ouviram; que para isso emmudeceu quanto em torno podera turbar a audição devota. E o encanto, a doçura que sentiram essas almas divinamente sedentas de verdade e luz jámais a haviam sentido antes, não a sentiram jámais depois. D'outra vez, caso não menos singular e estranho, estando o prégador famoso discorrendo no congresso Arelatense na Provença, pelo anno de 1224, com grande fervor e devoção, sobre este texto tão simples e para pouco na apparencia: Jesus Nazarenus Rex Judaeorum, veiu de longe e d'improviso S. Francisco ouvil-o, trazido por milagre summo, segundo a attestação de Fr. Monaldo, que viu todo attento, absorto mesmo no favo e mel da palavra doce—*super mel et favum* diz o texto antigo—do orador potente. O assumpto, Jesus de Nazareth, era para trazer o grande louco do amor de Deus de mais longe ainda, para o ter alli mais preso, mais attento e absorto do que estava. Mas a apaixonada eloquencia do seu filho em Christo, a quem o proprio Deus se dignara de abrir a mente á intelligencia das sagradas paginas (Thomaz de Celano. Bollaud,) não teve pequena parte na subita apparição do Patriarcha.

Começou a sua nomeada quando, uma vez, em Forli, houve o glorioso Santo por espirito de monastica obediencia, d'exhortar uns ordinandos, elle, o minorita obscuro, mais proprio, no geral conceito, para limpar vasilhas de cosinha humilde do que para tratar coisas da intelligencia e da alma, e foi n'um crescimento successivo até o instante derradeiro da sua vida tão bella quanto curta, mantendo-se na memoria humana até os nossos dias tão affastados d'elle pelo tempo e pelo espirito... Infelizmente nas grandezas d'esse verbo santo restam só memorias authenticas por certo, mas memorias, nas chronicas coevas e poucas paginas attenuadas, impalledecidas, frias já do frio de muitos seculos.

Eu proprio, ao percorrer com a attenção devida á admiração que nos merecem as compactas paginas de seus esquecidos sermonarios, e os ingenuos registos de seus anonymos chronistas, mais cuidava ouvir o ecco longinquo das admirações, dos brados de espanto, dos suspiros de dôr, dos soluços de compuncção, arrancados rijamente a corações em magua do que a voz do orador illuminado, que soubera arrancar taes brados, espantos e soluços... Por singular acaso, a palavra de seus chronistas, uns obscuros narradores cujos nomes o tempo se esqueceu de registar, parece ter sido mais tenaz na lucta com os seculos volvidos, ter resistido mais á sua destruidora acção do que a d'elle tão indiscutivelmente grande e bella. E' que não quiz desamparar na morte ao grande humilde, a mais profunda, constante e caracteristica virtude da sua alma. Sempre fez pouco em vida e com que razão diga-o a terrena mas funda indifferença de meu espirito, das honras, dos applausos, das transitorias distincções d'um mundo pouco menos transitorio do que isso tudo tão parecido a nada. Dispensou o ruidoso applauso, e louvor embora justo, por certo unanime, da posteridade em pasmo. Reservara para si, como outr'ora a doce irmã de Lazaro, a melhor parte que lhe não devia ser, que lhe não foi tirada. Nunca o prendera o mundo no que tem, na apparencia ao menos de appetecido e grande para a pequenez da nossa natureza. Não lograria captival-o com o que possue de mais mesquinho e esteril, de mais falso e vão, a fama, que justamente enleve a lapide d'um tumulo, nem coar para as sombras que lhe estão por baixo um pouco de calor suave.

Os sermões do grande Santo na forma em que se incluem em velho infolio esquecido, deslembrado, desdenhado e esquecido com razão que preste, são levemente aridos e frios. São. Não ha negal-o. Não quer isso dizer porém que o foram sempre. A frieza, a aridez actual não destroe, não contradiz sequer a tradição que em todo o tempo os disse vivos, palpitantes, luzentes, luzentes da luz do coração mais proficua sempre e mais intensa que a do espirito, quando brotaram de seus labios tocados do carvão em braza d'Isaias. Podiam ter sido e não o serem hoje. O que nós chamamos e cremos serem os sermões de Santo Antonio o que são na realidade?

E' já commum o conceito que reputa esses discursos claramente incompletos meros resumos, extractos, simplices traços de discursos proferidos já, para serem um dia proferidos.

A origem das tres numerosos collecções, os sermões do tempo, do commum dos santos, e os da exposição dos Psalmos, os unicos que a critica reputa genuinos, é conhecida. Um prelado amigo, que sentado depois na mais alta séde que existe sobre a terra, o havia d'expor nos altares á veneração de seus irmãos, e uma cidade justamente dedicada solicitaram de seu carinho que registasse em paginas para serem conservadas com piedade viva as palavras que os haviam abalado vivamente. Correspondeu o Santo e poz mão diligente á obra. Mas a quem consagrou directamente o fructo d'esse labor de mezes? E' opinião geral que ao commum dos fieis. Dessinto da opinião geral e presumo que para futuros oradores, para os que depois d'elle houvessem de ensinar a fé e a moral no pulpito reservou directamente o santo á sua escripta. Não eram frequentes nem baratas, nem faceis de obter então copias de manuscriptos; nem era tambem crescido o numero dos que podiam lel-os.

Confirmam a supposição varias indicações do texto actual. O orador parece dirigir-se sempre a uma pessoa unica. Escreve com frequencia, quasi em cada pagina: nota, observa, attende, no singular ao passo que nas citações que faz dos oradores que o precederam, Santo Agostinho por exemplo ou S. Bernardo, os mesmos verbos, quando occorrem, se leem no plural. Depois essas mesmas ou outras citações apparecem com frequencia incompletas como se se suppozessem na memoria ou nos livros mais sabidos e usados de quem lê. Accresce ainda que tem abreviações, remessas, et ceteras frequentes, e no mesmo sermão diversas exposições do mesmo texto (e. g. o sermão da dominga na oitava da epiphania). Não me parece pois a coisa para serias duvidas.

E' sabido que os sermões do grande portuguez são, na indole e no proposito, moraes. O orador não tentava convencer, persuadia, não se propunha ensinar, exortava. Os que ouvem, creem. Provar-lhes o que tinham por provado, para quê? Bastava-lhe que amassem e praticassem a virtude, que detestassem e repellissem o vicio. Mas não ha discurso religioso, embora meramente moral que não assente em principios, em asserções, que tem de justificar-se pela lição da Biblia ou os dizeres de Santos Padres e doutores. De mais, o dogma está tão intimamente ligado com a moral que é impossivel tratar do que prende com esta sem tocar ao mesmo tempo no que com aquelle prende. Assim o pregador famoso teve de occupar-se de doutrina ao expor a moral, tanto mais que segundo a tradição acceita, consagrada que elle com o exemplo da sua oratoria celebrada ajudava a roborar, o discurso deriva sempre d'uma phrase textual dos livros santos cujos sentidos varios importa d'ante mão fixar.

Ora como elle na versão escripta dos seus sermões se não dirigia ao vulgo dos leitores, mas, como disse, queria legar exemplo e lição aos que apoz elle viessem ensinar no pulpito, foi a parte doutrinal principalmente que deixou tratada. Nos discursos taes quaes os possuimos encontramos quasi apenas os fructos do seu saber e engenho, o que lhe segredava a assidua leitura, a interpretação moral e symbolica, em que era insigne, do texto santo. O resto, o que devia vir do coração ou da phantasia, a luz que dá realce e côr e o calor que presta movimento e vida eram cousa pessoal de mais, demais d'elle, para os expor no que só tinha de servir á intelligencia de outros, eliminou-os pois quasi de todo. Sagaz intelligencia, raro saber em letras sagradas e profanas, subtilezas d'interpretação moral e symbolica, finuras e excellencias de expressão, tanta vez original e audaz, segredos e requintes de conceito, em todos ha e muito; mas em poucos—a mão escapou-lhe alguma vez e o proposito nem sempre lhe abafou o coração e a phantasia—ha movimento e vida, pois isso, só o dá o calor do coração, que elle intencionalmente adormeceu, em poucos ha realce e côr, pois isso só o dá a luz da phantasia, que elle amorteceu de fito feito. Ha sobre estas uma explicação que embora pareça secundaria, não póde preterir-se, da impressão que a palavra do summo orador hoje produz tão diversa da que produziu nos que a ouviram, sahida de seus labios d'ouro. Não prégava Santo Antonio os seus sermões em latim, como S. Bernardo que lhe foi modelo em tantas coisas entre as quaes incluo a de que me occupo agora, prégava-os em italiano. Era para o povo e pelo povo que elle pensava, sentia, fallava, como todos os oradores da sua ordem tão docemente, tão santamente popular e o povo fallava já italiano, um italiano rude da rudeza ingenua e risonha das creanças, mas italiano. Os discursos que hoje possuimos estão redigidos em latim, o que é mais um indicio do destino que lhes dava o seu auctor. E' a lingua latina incomparavel instrumento sem duvida. Energica, abundante, ampla, obediente, deixando ver nos seus mais subtis delineamentos o sentir que veste; mas é lingua que morreu para nós; tem não raro a rigidez do cadaver, a gelida mudez d'um tumulo. E' certo que não era de todo morta para o glorioso orador, e a isso se deve o movimento tenue, de longe em longe, do seu dizer. Não se sente que as palavras viessem do lexicon consultado para vestirem laboriosamente e no proprio momento da versão, conceitos expressos de principio em outra lingua; não. No momento da sua transcripção no glorioso idioma que os conserva, foram esses conceitos repensados n'elle. Mas para nós, sem embargo do parentesco da lingua que fallamos com a da lingua que o orador insigne preferiu, a lição fica inteira, é certo, em seu sentido, mas fica muita vez quieta, apagada, de articulações duras e nervos rigidos. Teremos de notar com magua que nos trechos que citar de taes sermões, apesar do esforço feito para aquecel-os ao calor do coração que os ama, esses trechos de rara belleza e graça viva no venturoso instante em que nasceram, resurgidos mas não de todo agora, conservam alguma coisa do tumulo em que jazeram seculos adormecidos na paz e no silencio.

Importa ainda fazer uma observação que é justa. Se nem tudo na obra ainda assim vasta de Santo Antonio nos merece hoje applauso e affecto, nascidos um e outro do coração vencido, é que nosso espirito e o do nosso tempo se afastaram muito e nem sempre com razão do d'elle e do de seu seculo. Se comprehendemos melhor outras manifestações do engenho humano, embora no tempo mais remotas, como por exemplo, as que pertencem ás duas grandes litteraturas classicas, é que o nosso espirito continuou tratando mais ou menos directamente os grandes espiritos que as crearam. Temol-as estudado sempre mais ou menos ou outras obras que d'ellas derivaram. Não as encontramos agora de improviso, inesperadamente, como nos succede com as obras do grande mystico, apoz seculos de teimoso e absoluto esquecimento. Ainda assim é mais do que certo que os espiritos attentos e reflexivos não precisavão fazer um grande esforço para reconhecerem como justa a grandeza attribuida ao famoso minorita. Se de tal esforço precisar alguem, não será por certo a culpa do seu grande espirito.

Existe, toda a gente o sabe, ainda hoje em Padua a lingua do glorioso Santo. Foi encontrada, devolvidos annos, no tumulo onde o heroico asceta repousou, emfim, inteira e intacta. Não ousara tocal-a e desfazel-a em si a invencivel corrupção da morte. Fôra ungida, sagrada pela palavra divina que falara com tanta proficuidade e tanto brilho, não podia, não devia desapparecer. Quer Deus para nosso ensino que a propria natureza inanimada respeite ás vezes o que é grande e santo, o que d'Elle veiu e foi para Elle. Desde sempre os fieis do mundo inteiro teem ido e vão attrahidos do prodigio, venerar submissos a reliquia augusta. E todavia ella no relicario que a protege e ostenta está, ante o respeito e admiração de todos, immota e fria como o tumulo d'onde veiu e a morte que a deixou intacta...

José de Sousa Monteiro.

ASSUMPTOS HISTORICOS

São do *Conimbricense* as seguintes e sempre interessantes notas:

O laço nacional

O escarlate e azul escuro eram a côr da libré da casa de Bragança. Por decreto de 7 de Janeiro de 1796 foi determinado que não só os criados da casa real, mas os officiaes do exercito, trouxessem no chapéu laços d'essa côr.

Em portaria de 20 de setembro de 1808 foi permittido o uso do laço branco, no braço direito, aos que se haviam incorporado e composto o exercito, que das provincias do norte foi resgatar a capital; e encarnado aos do exercito do Alemtejo e Algarve.

Na sessão das côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza, de 14 de agosto de 1821, propoz o deputado Miranda, que o laço nacional fosse d'ahi em diante composto das duas côres, verde salsa, e amarello côr de ouro. Na sessão de 21 do mesmo mez foi discutida a referida proposta, e depois de fallarem ácerca d'ella varios deputados, que todos reconheceram a inconveniencia do laço nacional ser o da côr da libré da casa real, encarnada e azul, egualmente rejeitaram as côres propostas pelo deputado Miranda, sendo substituidas pelas côres nacionaes, azul e branca, usadas nas armas de Portugal desde a fundação d'este paiz. As côres que na sessão das côrtes propunha para o laço portuguez o deputado Miranda, eram as do Brazil, as quaes estavam em contraposição com as armas do reino, que são as quinas azues em campo de prata. Em conformidade do votado na sessão de 21 de agosto, se publicou o decreto de 23 d'esse mez, que mandava usar do laço nacional, azul e branco, no chapéu, ou barretina, a todos os officiaes e soldados do exercito e armada portugueza, bem como a todos os empregados publicos, tanto civis como militares, de qualquer ordem, gerarchia, ou graduação que fossem.

Com a queda do systema constitucional em junho de 1823, não podia, segundo as ideias do obscurantismo dominante, deixar de ser revogada a legislação que tinha estabelecido um laço nacional. Por isso, em decreto de 18 do referido mez de junho, se annullou o outro decreto de 23 de agosto de 1821, e se restabeleceu a legislação antiga. Ora que D. João VI quizesse em 1823 fazer novamante usar o laço da sua casa, ainda se explica; mas o que revolta é que os absolutistas, fazendo do sambenito gala, não só preferissem a côr da libré dos lacaios da casa real, encarnada e azul; mas que até perseguissem e espancassem cruel e barbaramente, durante o governo absoluto, qualquer que uzasse de um laço, ou outro objecto, com as côres nacionaes, azul e branca!

Tanto póde a intolerancia e a falta de dignidade!

*

Revolução em Coimbra

22 de maio de 1828

A's 7 horas da manhã de 22 de maio de 1828 veiu o prior geral dos conegos regrantes de Santa Cruz, D. Lourenço da Encarnação, celebrar missa na capella de S. Francisco, na extremidade do claustro, proximo á varanda que deitava para o largo de Samsão, hoje praça 8 maio; o mesmo local onde posteriormente fazia as suas sessões a camara municipal de Coimbra. Reinava já uma grande agitação por toda a cidade, e tudo annunciava que n'aquelle dia rompia em Coimbra a revolução liberal. D. Lourenço da Encarnação, impressionado com os proximos acontecimentos, recolhe-se logo no fim da missa ao seu quarto; manda pelo moço fidalgo do mosteiro, João da Silva Conde, buscar um chá de erva cidreira; e quando o moço fidalgo vem apressadamente com o chá, encontra o prior geral, morto, assentado na sua poltrona. Na mesma manhã é afixado um edital do vice-reitor, Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva, para os estudantes sairem da cidade em 24 horas, podendo sair tambem os empregados que quizessem. Ao meio dia trava-se uma desordem entre muitos estudantes constitucionaes e miguelistas, na rua da Calçada, hoje de Ferreira Borges; e é gravemente ferido o bacharel miguelista Luiz Antonio de Abrunhosa Pinto, natural de Agueda, que habitava na rua das Fangas, hoje de Fernandes Thomaz. Abrunhosa é conduzido logo á botica da Misericordia, na rua do Coruche, hoje do Visconde da Luz, onde o administrador d'esse estabelecimento, o sr. José da Costa Mattos Torres, lhe faz os primeiros curativos. Pelas duas horas da tarde saem na direcção de Lisboa o vice-reitor, bispo, conservador, juiz do crime, coronel das milicias de Coimbra e seu filho, o Paiva Raposo, armado de clavina, alguns estudantes miguelistas, armados, a pé, os verdeaes, o regimento de milicias de Aveiro, e o destacamento de infanteria 7. O regimento de milicias de Coimbra começára a acompanhar o seu coronel, Manoel Cabral de Moura Coutinho e Vilhena, para a ponte, a fim de se dirigir com as auctoridades para Lisboa.

Recusa, porém, continuar a seguir o commandante. O capitão Pinto dá os vivas á Carta, a D. Pedro IV e a D. Maria II, no que é seguido pelos outros officiaes e pelo regimento, que voltando para a cidade se une á causa da revolução do Porto. Reunem-se então os estudantes liberaes em grande numero, e muito povo, e dirigindo-se a casa do corregedor e do juiz de fóra, com elles concordom na acclamação da Carta Constitucional e dos direitos de D. Pedro IV e de D. Maria II.

Formam-se os regimentos de milicias de Coimbra e Figueira no largo de Samsão, e ahi dão enthusiasticos vivas; e depois se dirigem todos á casa da camara, onde se lavra o competente auto. A's 11 horas e meia da noute sae uma musica pelas ruas, acompanhada de immenso povo, dando vivas. Illuminam-se grande numero de casas.

Logo em seguida á revolução liberal é afixada na cidade um proclamação do tenente-coronel das milicias da Figueira, e dos majores das milicias de Coimbra e da Figueira. Assim estava iniciada em Coimbra, no dia 22 maio de 1828, faz ámanhã 67 annos, a revolução liberal.

*

O prior do Crato

Os nossos illustrados amigos os srs. Annibal Fernandes Thomaz e João Augusto Marques Gomes, acabam de fazer um publicação de muito merecimento. Tem por titulo:—*O prior do Crato em Aveiro*—1580—*Notas e documentos*—Aveiro—1894. A tiragem foi apenas de 50 exemplares, para distribuição reservada. Fomos obsequiados com o n.º 8 d'esta tiragem. No principio do livro vê-se uma estampa, representando o *Tumulo de Duarte de Lemos*. Este livro é um manancial de vastas investigações ácerca da pretensão de D. Antonio á corôa de Portugal. Ao lermos a narrativa e respectivos documentos d'esta grande lucta, sentimos profundamente que em Coimbra se não tenha feito a publicação da parte importante que esta cidade tomou em semelhante pretensão. E tanto mais sentimos essa falta quanto a secretaria da camara municipal de Coimbra abunda em curiosiosimos documentos a tal respeito. Aos nossos amigos muito agradecemos o seu valioso brinde.

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIAS DIVERSAS

Canção popular a Santo Antonio.—Em Evora é muito popular a seguinte cantiga:

Fazei, santinho que eu goze
Do casamento os prazeres,
Que este Santo Sacramento
Legou Deus a nós, mulheres.

Não queiraes que eu leve á cova
Rosas, palmito e capella;
Que é coisa triste no mundo
Ver morrer uma donzella.

Não queiraes que as feições lindas
Que a natureza me deu,
Vão parar á terra fria
Sem deixar retrato seu.

Fazei-me, pois, o milagre,
Santo do meu coração;
Prometto dar-vos um manto
Bordado por minha mão.

Não penseis que ha de ser feio
Ha de ser todo taful:
Ricas bordaduras de ouro
Sobre setim bem azul.

Se me fazeis o milagre
Eu vos prometto, Santinho,
Fazer mais uma fogueira
De alecrim e rosmaninho
Como ao meu primeiro filho
Hei de chamar Antoninho.

Noticias d'Ovar.—São do nosso presado collega *Ovarense* as seguintes noticias:

A fome na villa.—Nunca vimos tão de perto a fome nas classes pobres da villa. Nunca vimos, como agora, esse espectaculo com todo o seu cortejo de miseria e horrores. Não é a falta de trabalho que a produz, porque a classe condemnada é a piscatoria e os pescadores trabalham dias e semanas seguidas, sem resultado. Durante o inverno nada ganharam. Os que ahi ficaram não tinham trabalho: os que sahiram para as costas do sul ainda vieram empenhados. A safra começou ha mais de dois mezes, e em lugar de lucro, só tem dado perdas consideraveis, empenho para as companhas. De que vivem os pescadores e suas familias? E' um mysterio. Ha dias, dizia-nos um d'esses trabalhadores que os que teem alguma roupa levam-na ao prégo e os que já a não teem passam dias com alguns restos de sardinhas apanhadas nos primeiros dias de trabalho, porque dinheiro para pão não teem. Se isto continua por mais um mez a posição da classe piscatoria é insustentavel, e nem sabemos a que a levará a fome. Felizmente essa gente é demasiado religiosa e obediente: do contrario as scenas que enlutam as cidades, podiam muito bem repetir-se aqui porque a fome não tem lei.

Dirigimos-nos hoje aos nossos conterraneos—d'aqui e de fóra. Ovar ainda póde soccorrer esses desgraçados, ainda alguma coisa deve pedir para quem pouco ou nada tem. Nós que temos organisado commissões para tudo: nós que impetramos o favor d'uma esmola para confrarias, egrejas e festas, porque não havemos de implorar em favor dos desgraçados que agonisam? Elles são muitos? Embora, porque a caridade do nosso povo ainda se não esgotou. Existe para ahi uma commissão de beneficencia parochial. Dê ella os primeiros passos, porque a camara municipal a secundará desde logo nos seus esforços. Não deve ser a camara a primeira, porque se deve affastar toda a idéa da politica local, e se a camara fosse a primeira a emprehender esse movimento seria logo inquinado o seu procedimento pela intriga local. E' preciso pois que a commissão de beneficencia desempenhe uma das suas attribuições, mais nobres, mais santas, mais elevadas. Nós collocar-nos-hemos ao seu lado.

Ria d'Aveiro.—Começou a levantar-se, sob a direcção do ex.^mo^ engenheiro José Maria de Mello de Mattos, a planta da ria d'Aveiro. Na quinta-feira, 30, um dos empregados da repartição, o sr. Reis Junior principiou a proceder á medição do esteiro do Carregal, e depois seguiu pelos esteiros da Ribeira, Puchadouro, Mourão e outros. Este trabalho de grande importancia, estava sendo extremamente necessario. A não se fazer desappareceria dentro em pouco o esteiro do Carregal, porque os proprietarios confinantes da ria iam pouco e pouco e naturalmente alargando os seus predios, por causa da junça e herva que cresciam para a ria. Só depois de feitos os estudos de gabinete começará a demarcação da ria até ao ponto em que as aguas sobem nas marés ordinarias.

A pescar...—Pescando os neo-aralistas fazem uns tagatés á resolução do sr. Dias Ferreira ir á urna. Comprehende-se bem isto sem necessidade de explicação. Já uma vez se valeram do sr. Dias Ferreira e foi no bello tempo em que as arruaças espantaram o mundo vareiro. Agora lançam de novo o anzol. Mas o peor é que ninguem os ouve e ninguem os vê. São pequenos de mais em valor eleitoral, apesar do que apregoam. E depois ninguem ha como elles para dizer que são os adversarios que se aproveitam das situações. Mas a elles é que ninguem os quiz aproveitar. Bem procuram pescar nas aguas turvas, mas o peixe nem morde a isca nem... olha para o anzol. Coitaditos.

Providencias sobre os açougues.—Tendo-se apresentado á camara algumas queixas sobre os açougues da villa; queixas que a nosso ver são infundamentadas, a camara na sua passada sessão deliberou exercer uma inspecção rigorosa sobre o matadouro municipal. O matadouro não poderá ser aberto senão em presença do zelador municipal para o que este tem uma chave; nenhuma rez poderá ser abatida sem ser examinada e as carnes depois marcadas com o sello da camara. Por este modo poderá o povo que compra nos açougues saber de antemão se a carne exposta á venda foi ou não examinada; bastará exigir que lhe vendam carne da peça que estiver chancellada com o sello da camara. A duvida que d'antes existia, se a carne foi ou não abatida no matadouro, deixa assim de existir; e os marchantes que estavam sendo prejudicados encontram um meio de se garantir contra falsos boatos.

A camara ordenou tambem ao seu zelador, que aprehendesse nos talhos toda a carne que não tivesse o carimbo a tinta d'oleo, para evitar qualquer logro, que a nosso ver não tem existido. Como na villa não ha pessoa competente para o exame das rezes, nem a camara póde exigir do seu zelador um conhecimento especial, bom seria que o sr. sub-delegado de saude procedesse á inspecção rigorosa nos dias em que o gado é abatido. São apenas dois em cada semana. O zelador entretanto irá vendo as rezes no matadouro e quando alguma lhe parecer suspeita participará o caso á camara, não consentindo em que a rez seja abatida.

Paços do concelho.—Ficou assente o segundo travejamento dos novos paços do concelho. Assente a facha de cantaria superior ás traves começará a construcção dos telhados que deverão ficar promptos pelo meado d'agosto. O que deveras tem atrazado a construcção é a fachada de cantaria do centro do edificio, que só se irá assentando de vagar porque o empreiteiro não póde obter de prompto pedras da dimensão das que tem a empregar.

O mildiu.—Da Companhia Portugueza Hygiene recebemos, um interessante folheto sobre a applicação da *calda instantanea* e suas vantagens sobre a *calda bordeleza ordinaria* no tratamento das vinhas affectadas pelo mildio e oidium. Aos nossos leitores, e principalmente aos viticultores, recommendamos a acquisição d'este livro.

PELO ESTRANGEIRO

Duque de Aosta.—O duque de Aosta chegou ás 5 horas de sabbado a Paris tomando logo a direcção de Chantilly, onde passou os dias. Parece que a rainha Victoria se fará representar na cerimonia nupcial pela princeza Beatriz e pelo principe de Battenberg. Ha, porém, outras pessoas reaes que egualmente assistirão áquelle principesco enlace. Taes são o principe de Napoles, o conde de Turim, o duque de Genova, o principe e a princeza Filippe de Saxe Coburgo-Gotha e o principe Alberto da Belgica. Parece ainda que a rainha de Inglaterra conferirá ao duque de Aosta a Ordem do Banho, e que a princeza Helena receberá das mãos de Sua Graciosa Magestade a segunda classe da real ordem de Victoria e Alberto.

Vimos de citar as pessoas reaes com que alli se conta, mas, segundo os jornaes de Sevilha, a sr.ª infante D. Maria Luiz Fernanda, viuva do duque de Montpensier, partirá para Inglaterra dentro da primeira quinzena do mez corrente, para assistir tambem ao casamento da princeza Helena.

O attentado contra o capitão-general de Madrid.—Alguns jornaes madrilenos dão varios pormenores ácerca do attentado de que foi victima o capitão-general de Madrid, Primo de Rivera.

Achava-se este no seu gabinete, recebendo em audiencia os officiaes que a tinham solicitado, quando se apresentou o tenente ou capitão Primitivo Clavijo. O general disse-lhe affavelmente:

— Depressinha, e tenha a bondade de ser breve, pois tenho muito que fazer.

— Senhor, respondeu Clavijo, sou...

E sem proferir mais palavra, puxou de um rewolver e disparou-o quasi á queima roupa, por duas vezes, sobre o general. Este quiz arrojar-se sobre o aggressor; mas, sentindo se sem forças, dirigiu-se para um divan immediato, onde cahiu prostrado, dizendo:

— Conheço-o! Matou-me!

O generál Sanchez Gomez, que estava presente, lançou-se sobre o assassino e, abraçando-o fortemente, tentou tirar-lhe o rewolver. Quasi ao mesmo tempo penetraram no gabinete o ajudante do capitão-general e um capitão de artilheria. O aggressor quiz fazer fogo sobre elles; mas então o ajudante, desembainhando a espada, assestou-lhe uma cutilada na cabeça, que seria de certo mortal se não fosse impossivel n'aquelle momento assegurar o golpe, por causa do general Sanchez Gomez, que ficou ferido, ainda que levemente.

Entretanto o aggressor póde ser desarmado, apezar de se defender como um louco enfurecido. Como annunciava o telegramma que publicámos a respeito d'este attentado, parece que Clavijo soffre de desarranjo mental, e que o crime que commetteu só póde ser attribuido a loucura.

---

165 FOLHETIM

Henrique Perez Escrich e Francisco de P. Entraal

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

X

Embustes de Moran

— Que era Alexandrina quando chegou a minha casa? continuou Moran. Uma pobre rapariga... O que é hoje v. ex.ª o pode dizer. Não tem podido a maledicencia ferir-me no tocante á educação que eu dava á minha pupilla, mas outro tanto não succedeu á ingrata Alexandrina. Fallou-me das relações que eu tinha com Paulo Roberts, ouvi em silencio a historia que me referiu, bem como as desventuras d'aquelle moço, e como no dia em que por casualidade o conheci me fôsse sympathico, levei-o para minha casa, protegi-o, e fui quasi um pae para elle. Eu sabia então que Paulo era filho do capitão Anselmo; mas entendi que não devia fallar-lhe das riquezas delapidadas pelo padre Samuel, nem amargurar-lhe a vida fallando-lhe da morte de seus paes. Limitei-me portanto a protegel-o. Dizem algumas pessoas, que durante a sua permanencia em minha casa o espiava demasiado; mas podia praticar de outra sorte, querendo conservar incolume a reputação de minha pupilla? Fizeram-lhe crer, D. Magdalena, que foi por instigação minha que Paulo esteve em Leganés? Illudiram-a.

—Pois tambem isso é falso, senhor de Moran!? exclamou Magdalena n'um impeto de indignação maternal.

— Tambem, respondeu Moran sem alterar-se. E se Paulo estava em seu juizo, não tive eu a culpa de o encerrarem, mas só elle; porque se calou? Que faria a senhora suspeitando que um dos seus protegidos perdera o juizo? Ordenei que o tratasssem com os maiores cuidados, e dediquei-me a consolar Alexandrina; a minha commiseração trocou-se em piedade exagerada, e a estima com que a tratava em amor inextinguivel. Já vê a senhora que não quero desculpar-me. Desejoso, comtudo, de destruir uma paixão que a disparidade de edades devia tornar impossivel, e querendo que Alexandrina se restabelecesse do abatimento que a reclusão de Paulo lhe produzira, mandei-a para a minha quinta, sob a vigilancia de uma mulher honrada. Nos primeiros dias evitei encontrar-me com ella frente a frente; mas por fim dominou-me o amor que procurava reprimir ainda á custa da minha vida; vi-a, pratiquei inconveniencias e d'ahi proveio a minha desventura. Bastante me peza, D. Magdalena! Momentos antes da senhora chegar á quinta de Rodolfo, Alexandrina tinha-me sido roubada; era prudente eu dizer-lh'o? Porventura devia explicar-lhe, sem ter a honra de a conhecer, ou antes crendo que não existia a intriga de que acabava de ser victima? Não sabia o que devia dizer-lhe, por isso lancei mão de um pretexto qualquer. Quasi á mesma hora em que isto succedia, Paulo fugia de Leganés acompanhado pelo medico.

— O qual assegura que meu filho nunca esteve louco.

— E' muito possivel, minha senhora; mas se elle se empenhou em fingil-o, faltando-me ao respeito, ameaçando-me de morte e portando-se de uma maneira extravagante, parece-me que pratiquei como devia.

— E que me diz da reclusão de Simão?

— Nada tenho com as acções de John Strey.

— E da entrevista que o senhor teve com André ante hontem á noite?

—André apresentou-se no meu gabinete sem dar-se ao incommodo de participar-me a sua chegada, fez-se interprete de todas as intrigas e calumnias, mostrou-me uma carta que disse ser do padre Samuel Roberts, e obrigou-me por ultimo a ameaçal-o, porque não estou acostumado a ser insultado por pessoa alguma. Sou humilde com os bons, mas terrivel com os maus.

— Em meio de tudo isso a que chama calumnias, esqueceu-se da carta que escreveu ao cura de S. Feliú de Llobregat, fallando do naufragio do *Poderoso*.

— Eu? juro-lhe que nunca tive communicação alguma com o cura a quem allude.

—Foi, se não me engano, em maio ou junho de 1839.

— Mais de cem pessoas poderão assegurar, sem receio de equivocar-se, que n'esta dáta estava eu no estrangeiro.

— E ainda que assim seja, ousará affirmar que não é causa principal das intrigas urdidas pelo falso barão de Castelmare? Com este nome intentou Trindade averiguar tudo o que sabiamos, e com o de Gaspar Rey entrou em minha casa e pretendeu assassinar-me a noite passada.

— Que diz, minha senhora?! exclamou Guilherme empallidecendo.

— O que succedeu. Seu filho, que ha trinta annos foi salvo pelo desgraçado pae de André, pretendeu exercer em mim a sua vingança.

Moran escondeu o rosto entre as mãos, e pareceu sahir-lhe do peito um soluço suffocado.

— Oh! que vergonha! E hei-de eu ser punido pelas faltas de meu filho, d'esse filho ingrato que me abandona e me deshonra!...

E levantou os oculos para enxugar as lagrimas que a indignação e a vergonha lhe traziam aos olhos.

— E meu filho estará preso como eu, com a differença de que eu sou victima da arbitrariedade de um agente de policia, e elle ha-de sel-o certamente de seus proprios crimes! Ah! senhora, quanto é grande o meu infortunio!...

A vehemencia com que Moran tinha pronunciado estas palavras produziu grande impressão em Magdalena. Sem embargo, resolvida a expôr a missão que a levara alli, reconcentrou as suas idéas e fallou a Moran, que começava a inspirar-lhe profundo dó.

XI

Humilhação

—Senhor de Moran, disse Magdalena, vejo que comprehendeu em parte o fim que me trouxe a esta prisão, visto apresentar-me como calumnias vergonhosas o que eu suppunha verdades irrecusaveis. Seja de um ou de outro modo, renuncio a dirigir-lhe recriminações inuteis, com quanto tenha motivos de sobra, e vou limitar-me a contestar as suas asserções por meio de documentos authenticos.

— Que quer dizer? exclamou Moran com apparente cortezia.

— Quero dizer, que no momento de tirar a André a carteira com os papeis que elle levava, esqueceu-se de lhe tirar tambem a carta do padre Samael Roberts; e com quanto esta possa ter sido inspirada, como o senhor diz, por um d'aquelles accessos de demencia que o assaltavam quando se tratava da herança, pessoas ha que attestam o contrario. Possuo alem d'isso a carteira de John Strey com certas instrucções escriptas pelo senhor e que elle seguramente se esqueceu de queimar ou rasgar. Já vê, pois, sr. de Moran, que com similhantes documentos, que posso apresentar-lhe, o triumpho é meu. Succede tambem que, por uma serie de coincidencias, cuja enumeração seria fastidiosa para ambos, eu sou a pessoa que resume em si todos os poderes dos seus mais encarniçados inimigos. André, Alexandrina e meu filho, o mais castigado que outro qualquer, depositaram em minhas mãos as suas armas, que eu estou encarregada de esgrimir. Só Deus conhece os meus intentos ao penetrar n'esta casa, e só elle póde julgal-os. A sua honra está nas minhas mãos, e os tribunaes poderão destruir n'um momento o que tantos annos de calculo e meditações tenebrosas lhe tem custado. Não creia, entretanto, que me move o desejo de vingança. O mundo ha de ignorar esta entrevista. Fazendo o que faço, colloco-me em contradicção e talvez em lucta com meu filho, com André, com todos os que teem confiado em mim e de mim teem esperado e esperam a sua vingança.

— E que tenciona fazer?

— Se, como espero, tirar a mascara, nada, absolutamente nada; aliás, recorrerei aos tribunaes com a força que me concede a justiça.

— Faz-se então ecco dos que me accusam?

— Sim, porque são justos na sua accusação.

— N'esse caso, tornou Moran com voz sombria, descanço na minha consciencia.

— Quer dizer que toda a transacção lhe parece vergonhosa?

— Não póde ser de outro modo.

— Pois bem, replicou Magdalena levantando-se, eu procurarei confirmar como verdades, tudo o que o senhor considera calumnias despreziveis.

E dirigiu-se com magestade para a porta. Moran ergueu-se tambem, e deu um passo como se intentasse detel-a.

— Um momento, minha senhora, balbuciou elle estendendo as mãos com ancioso receio, onde está meu filho?

Magdalena parou e dirigiu a Moran um olhar compassivo.

(*Continua.*)

Houve uma scena em extremo commovedora, quando ao ruido da detonação acudiram as filhas de Primo de Rivera. O capitão-general, apezar de ter perdido bastante sangue, procurava com serenidade pasmosa consolar as filhas, não dando importancia ao attentado. O aggressor foi levado em um carro de praça, escoltado por alguns soldados, para as prisões militares. O general foi visitado pelo ministro da guerra, que immediatamente foi ao paço annunciar á rainha o triste acontecimento. O attentado causou em Madrid penosa impressão.

D. Primitivo Clavijo de Esvry era natural da provincia de Iaên. Tinha 39 annos de idade e estava proximo a ser despachado major. Era alto, de forte compleição e d'ella fazia alarde. Do seu caracter insubmisso e brusco deu provas por mais de uma vez, segundo se deprehende dos quinze processos que contra elle se instruiram. Havia terminado os estudos militares aos 19 annos. Pertencia á arma de infenteria. Terminada a guerra carlista, marchára para Cuba, onde esteve alguns annos, regressando á Hespanha no posto de capitão. Tanto na Hespanha como em Cuba Clavijo commetteu verdadeiros actos de heroicidade, mas o seu genio irascivel deu causa de que por mais de uma vez fosse processado.

Em Havana esteve 27 mezes preso.

Ultimamente vivia em uma casa, de hospedes, mas não andava corrente com a patrôa, por esta exigir que lhe pagasse o que devia. Poucas relações tinha com os outros hospedes. Na vespera do attentado, a patrôa disse-lhe já enfadada.

— Sr. capitão, ante-hontem, foi o primeiro do mez e até agora ainda não me deu dinheiro.

— Está bem, vou receber o meu soldo e depois pagarei.

O capitão sahiu, mas foi para attentar contra a vida de Primo de Rivera. Diz uma folha de Madrid que Clavijo era casado, tendo esposa e dous filhos em Cuba.

Os acontecimentos do Brazil.—A proposito da noticia, não confirmada, das intenções attribuidas ao dr. Prudente de Moraes de se demittir do seu alto cargo de presidente da republica brazileira, diz o *Temps*, chegado ha dias, que este designio concordaria bastante com a declaração precedentemente feita pelo dr. Prudente de Moraes, ao dizer que se retiraria do poder se não podesse assegurar a pacificação do Rio Grande do Sul, tendo causado certa surpreza que na sua mensagem para a abertura da sessão legislativa declarasse que a guerra do Rio Grande não podia terminar senão pela submissão absoluta dos revolucionarios ás instituições adoptadas pela nação e não pela transacção amigavel que se esperava dos principios pacificos do proprio presidente. O *Temps* publica ainda a este respeito uma carta do Rio de Janeiro, em que se aprecia a mensagem presidencial, dizendo-se n'essa carta que o chefe do poder não é livre nos seus actos e que é obrigado a inclinar-se diante da vontade do partido militar, dos florianistas e dos jacobinos, que querem a continuação da lucta até ao exterminio completo dos insurgentes, havendo mesmo exaltados que pretendem se declare a guerra ao Uruguay, onde os revolucionarios encontram refugio e soccorros para continuar indefinidamente as suas invasões no Rio Grande. A carta termina por estas palavras:

«Comprehende-se facilmente que o presidente sinta certo desalénto, depois de ter querido conciliar todos os interesses, não chegando a satisfazer ninguem e vendo-se pelo contrario na presença de exigencias que o collocam na alternativa de submetter-se ou demittir-se.»

Talvez seja devido a esta e identicas apreciações que se espalhou o boato da demissão do presidente da republica brazileira, boato que tudo leva a crêr que não tem o menor fundamento.

— Lêmos no *Temps*:

«A legação do Brazil fez-nos saber que, segundo os mais recentes despachos officiaes, são destituidos de todo o fundamento os boatos segundo os quaes o dr. Prudente de Moraes, presidente da republica, teria tenções, por causa de doença, de apresentar a sua demissão. Por outro lado, o sr. Rosa e Silva, deputado por Pernambuco, que acaba de ser reeleito presidente da camara des deputados federal, declarou-nos que o dr. Prudente de Moraes não disse que abandonaria o poder se não podésse pacificar o Estado do Rio Grande do Sul, e acrescentou que o presidente da republica póde contar com o apoio da maioria das duas camaras.»

O Brazil e o Uruguay.—O ministro do Brazil em Washington foi interrogado por um jornalista americano sobre a possibilidade de uma declaração de guerra ao Uruguay pelo Brazil, a fim de pôr termo á lucta de Rio Grande do Sul.

Segundo o *New-York Recorder*, eis o que declarou o diplomata brazileiro:

«Não tenho confirmação official de similhante boato, mas é muito possivel que seja verdadeiro. A paciencia do Brazil chegou ao ultimo extremo, e apesar de ser para lastimar uma guerra entre o Brazil e um paiz estrangeiro, entendo que não temos outra alternativa, a não ser que o governo do Uruguay nos trate com mais consideração. Todas as invasões do Rio Grande pelos revoltosos véem do Uruguay, havendo atè nas suas fileiras numerosos uruguayanos, o que torna ainda mais irritantes estas invasões.

Esta guerra não seria porém, uma guerra de conquista. Enviariamos tropas ao Uruguay para capturar aquelles invaseres brazileiros e uruguayanos e para forçar o governo oriental a expulsar os chefes Silveira Martins, Saldanha da Gama e Custodio de Mello. Obteriamos então sem a menor duvida a devida satisfação.»

Morte do cardeal Ruffo Scilla.—O cardeal Ruffo Scilla falleceu em Roma ao cabo de uma longa e ruim doença. O fallecido era cardeal depois de 1891 e tinha 55 annos de edade. Chamavam-lhe o cardeal da *Renascença*, por ser conhecido o seu gosto pela arte. Leão XIII tinha-o attrahido ao Vaticano para lhe confiar o cargo de mordomo-mór dos palacios apostolicos. Foi o cardeal Ruffo quem teve a iniciativa da restauração da capella Paulina e da capella Sixtina, assim como na dos aposentos Borgia, que encerram os magnificos frescos de Pinturicchio. Quando a rainha Victoria festejou o quinquagessimo anniversario da sua coroação, Leão XIII mandou a Inglaterra o cardeal Ruffo Scilla. O prestigio do cardeal consistia em entender mais de cousas d'arte que, verdadeiramente, de cousas sacras.

Mme Adam processada.—No dia 12 do corrente deve responder n'um processo de policia correccional, em Paris, Mme Juliette Adam, a directora da *Nouvelle Revue*, que ainda ha pouco contámos entre o numero dos nossos visitantes estrangeiros illustres. O processo em que Mme Adam vae responder é-lhe movido por M. Emile Weil, redactor do *Journal des Débats*, por causa d'um artigo publicado na *Nouvelle Revue*, onde eram muito discutidos e postos em duvida os sentimentos patrioticos d'aquelle jornalista. Transcrevemos em seguida o periodo que determinou a querella:

«... Eis a razão porque consideramos um dever—um dever imperioso—denunciar o auctor d'esta obra antinacional, o sr. Emile Weil, antigo official de marinha reformado, presentemente redactor do *Journal des Débats*. Fazemol-o tanto de melhor grado que o sr. Emile Weil escreveu já mais de cem artigos absolutamente favoraveis á causa ingleza e se obstina, ha annos, em propalar a ideia abominavel de que e França, não tendo nenhum motivo sério de conflicto com a Inglaterra, não tem que preparar-se para luctar contra ella no mar. Denunciamos ainda o sr. Emile Weil cujas singulares *démarches*, em favor do traidor Dreyfus escandalisaram recentemente todo o pessoal do ministerio das colonias e decidiram o sr. Chautemps a prohibir-lhe a entrada nas repartições do pavilhão de Flora.»

Este artigo é assignado pelo pseudonymo de *Commandant Z*...

Pasteur e o seu patriotismo. — Referimos já que o sabio Pasteur se negára a aceitar uma condecoração allemã e que alguns francezes, admiradores do illustre bacteriologo, trataram de abrir uma subscripção a fim de lhe offerecer por esse motivo uma lembrança. Logo que Pasteur o soube, escreveu ao presidente da commissão encarregada de abrir a subscripção a seguinte carta:

«Agradeço em extremo os desejos que acabam de expôr; peço, porém, que deixem ao que fiz com toda a simplicidade, o seu caracter simples. Não desejo que se faça nem subscripção nem manifestação de especie alguma.»

A questão dos vinhos em Hespanha. — Já nos referimos á questão que se debate actualmente em Hespanha por causa da crise por que estão passando os viniculores. Estes téem organisado diversos comicios em quasi todas as regiões vinhateiras, e ultimamente realisou-se um em Tarragona em que se tomaram as seguintes resoluções. Pedir a suppressão do imposto do consumo sobre os vinhos. Pedir a maxima franquia para a introducção dos vinhos hespanhoes e seus derivados nas possessões ultramarinas de Hespanha. Crear mercados estrangeiros que favoreçom a exportação e o fomento de distillação nacional. Conseguir a liberdade absoluta de distillação para todos os vinicultores, individualmente ou as ociados com outros. Pedir que se imponham fortes direitos á importação de alcooes industriaes e ás substancias para as fabricar. Pedir a creação de um imposto sobre os papeis do Estado, que compense a baixa originada pelas anteriores reformas. Representar que se faça uma reforma legislativa em materia tributaria, no sentido de que nunca possa penhorar-se uma propriedade, mas sómente os seus rendimentos por dividas á fazenda.

Na Africa austrial.—Dissemos já, que a republica de Orange, na Africa do sul, enviára uma deputação ao Transvaal a fim de estudar um projecto de união entre os dous paizes boers que, apesar de politicamente separados, permanecem solidarios um do outro. A deputação voltou já de Pretoria e declarou-se adversaria de qualquer união aduaneira, recommendando, porém, o mais estreito accordo politico. E' annexação dos territorios situados entre a Suasilandia e Tonga que faz com que o Estado de Orange preconise este accordo.

Os honorarios de um tenor.—Os jornaes italianos referem o seguinte com relação ao tenor De Lucia que, tendo cantado no inverno passado no theatro Scala, em Milão, não foi d'esta vez escripturado, sendo os motivos d'esta excepção assaz curiosos: Os honorarios do tenor De Lucia eram ajustados por um singular principio: não eram pagos ao mez, nem por espectaculo, mas por cada nota emittida. Recebia tres liras (600 réis) por nota, mas como este preço fosse considerado insufficiente pelo tenor, pediu ao emprezario cinco liras por nota (1$000 réis). O emprezario não accedeu e por conseguinte De Lucia deixou de ser escripturado. Isso, porém, é o menos interessante. O que é original é o modo de pagamento imaginado pelo tenor.

O verão actual.—Que verão fará? Tal é a pergunta que preoccupova, e com razão, os que começam já a traçar os seus planos para passar os mezes de calor nas praias, nas estancias thermaes ou no campo.

A crença geral é que o actual verão será quente e sêcco, por se entender ser preciso que, por meio d'esta compensação, se estabeleça a média normal do anno em temperatura e agua. Infelizmente, os vacticinios não justificam similhante maneira de pensar. Segundo um meteorologista belga, tudo faz temer que teremos um verão fresco, antes chuvoso do que sêcco. Em meteorologia, porém, não ha muito que fiar. A's vezes o sol e as nuvens capricham em deixar por embusteiro o vatticinador que mais se esforça por adivinhar o que poderá succeder em quinze dias, quanto mais em um verão inteiro. E' por isso que os Bordas d'Agua resalvavam os seus prognosticos com o proverbial *Deus super omnia*.

O canal do Baltico. Dizem de Berlim que já está estabelecida qual será a tarifa para os navios que passem pelo canal do Baltico ou de Kiel. Esta tarifa é para os vapores com carga 135 réis por tonelada para as 600 primeiras toneladas e 90 réis para cada tonelada a mais. Para os vapores em lastro e de cabotagem, 90 réis por tonelada; o mesmo para os navios á véla e para os vapores que os reboquem. Estes ultimos, porém, pagarão 90 réis por tonelada pelas primeiras 200 e 75 réis por cada tonelada a mais. A tarifa, que comprehende tudo o que é necessario para entrar e sahir o canal, como o serviço dos pilotos, será posta em vigor em 10 de junho.

As invenções americanas.—Nem todas as invenções realisadas pelos americanos dão resultados satisfactorios. Para exemplo basta citar o que se passou na cidade da Providencia (Rhoda Island). Uma multidão consideravel comprimia-se em uma grande casa recentemente construida, a fim de assistir ás experiencias de um ascensor de novo modelo. Segundo o inventor, o ascensor, em lugar de resvalar, podia cahir do quinto andar até ao rez do chão, isto é, mais de 20 metros de altura, sem que, graças a um apparelho proprio para amortecer a queda, as pessoas que o occupassem sentissem o menor mal. Para provar a excellencia do systema, collocaram no ascensor uma cesta de ovos e um copo de agua. Mas, enthusiasmados, o presidente da Sociedade dos Inventos, um *reporter* e o empreiteiro da construcção, tomaram logar ao lado dos ovos e do copo de agua. A um signal dado, o empreiteiro cortou resolutamente o cabo, e o ascensor cahiu com rapidez vertiginosa, e quando se abriu a porta do ascensor para se vêr o resultado, dois dos experimentadores estavam litteralmente esmagados no meio de uma abominavel omeleta de ovos e de restos do copo. Só o jornalista estava vivo, mas gravemente ferido.

Conferencia monetaria.—Dizem de Berlim que nos centros mais bem informados passa quasi como certo que a Allemanha, depois da inauguração do canal de Kiel, convidará as outras potencias a uma conferencia monetaria, que se realisará em Berlim. Pretende-se até que o imperador presidirá ás sessões e que presentemente Guilherme II se occupa bastante da questão do padrão do ouro e da prata, tendo mandado vir da Inglaterra uma collecção de obras bimetallistas.

Explosão de nitro glycerina. — Na Virginia, Estados-Unidos, occorreu uma horrorosa catastrophe, de que os jornaes estrangeiros dão os seguintes pormenores: Perto de Parkesburg descia pelo rio um barco carregado com 250 caixas de nitroglycerina, quando um dos remadores, que havia levantado o remo, para saudar umas mulheres que se achavam na margem, o deixou cahir sobre uma das caixas, produzindo-se com a pancada uma horrorosa explosão que fez voar pelos ares o barco e toda a tripulação, composta de 20 remadores. Além d'isso causou a morte de duas mulheres que estavam na margem do rio, destruiu um moinho, resultando mortes ou feridos todos os operarios que n'elle trabalhavam; derrubou dez casas e fez em estilhas um vapor que rebocava varias lanchas. As pessoas mortas ou feridas chegam a 200 e as perdas materiaes são calculadas em réis 100:000$000.

Petroleo inflammado por um raio. — Na ilha de Wilhemsburg, formada pelo Elba e fronteira a Hamburgo, estão a arder varios armazens de petroleo, nos quaes havia mil barris d'este combustivel. Foi uma faisca electrica que deu causa ao sinistro, produzindo uma formidavel explosão. Os armazens começaram a arder dentro de alguns minutos, vomitando verdadeiras tarrentes de lava. O petroleo inflammado invadiu o rio e muitas embarcações que não se arredaram a tempo estão em risco de arder. A actividade e destreza dos trabalhos dos bombeiros impediu, felizmente, que o incendio de Wilhemsburg alcançasse as espantosas proporções que nos primeiros momentos se receiava. O fumo, formando uma densissima nuvem illuminada pelas lavaredas, encobria todo o horisonte e via-se a grandes distancias. O petroleo ficou todo consumido. Em tanques havia 5:500 toneladas e 1:200 barricas cheias do mesmo combustivel. Barris vasios havia 35:000. Felizmente não houve mortes nem ferimentos.

O caminho de ferro transiberiano.—A construcção do caminho de ferro transiberiano será certamente uma das obras mais notaveis da ultima decada d'este seculo. Graças a esta extensissima via ferrea, cujo comprimento será de mais de 7:600 kilometros, poder se-ha ir em 15 dias de S. Petersburgo ao Japão. A linha está dividida em tres secções, cujos trabalhos se fazem com grande actividade. Logo que esteja concluida, o trajecto de Shangae para a Europa que, pelo canal de Suez, levava 45 dias, poderá effectuar-se em 20 dias. O actual imperador da Russia mostra-se, como o pai, muito interessado na conclusão d'esta linha.

Os elephantes da Africa.—Os allemães vão tentar a empreza de domesticar o elephante da Africa, rompendo com antigos preconceitos. Para campo das experiencias escolheram as planicies do sul da colonia dos Camarões, onde existem ainda muitos elephantes. Se os resultados forem satisfatorios, o elephante tornar-se-ha um animal de grande utilidade para o homem e para a civilisação africana.

Novo couraçado inglez.—A marinha ingleza conta mais um couraçado, que foi lançado á agua terça-feira ultima. Desloca o *Terrivel*—pois que é este o nome de baptismo do novo barco—14:250 toneladas, e tem 164 metros da pôpa á ré e 21,^{m}64 de bordo a bordo. A sua guarnição é composta de 900 homens; as machinas são da força de 25:000 cavallos nominaes, calculando-se a sua velocidade em 22 nós. A artilheria do *Terrivel* compôr-se ha de dois canhões de 235 millimetros, 12 de 15 centimetros, de tiro rapido, 12 de 13 libras e 9 metralhadoras. O *Terrivel* tem além d'isto quatro lança-torpedos submarinos.

Varias noticias. — Dizem de Athenas que o ultimo descobrimento feito nas escavações de Delphos, consiste em uma grande mesa de marmore com baixos relevos representando os trabalhos de Hercules. Esta obra data do tempo dos romanos e acha-se no mais perfeito estado de conservação.

—O czar Nicolau assistiu ultimamente ao bater da cavilha de quatro novos navios de guerra, um couraçado, um cruzador de 1.ª classe, uma canhoneira e um navio escola.

—Foi preso em Bruxellas um tal Passerieux, chefe de um bando internacional de falsarios, admiravelmente organisado, e que se entregava ao roubo de titulos da divida publica das diversas nações, mudando-lhes os numeros com extrema facilidade, a fim de que a sua venda fosse feita sem o menor contratempo. O auctor da prisão foi um agente de cambio de Bruxellas, a quem o bando roubára mais de 1.500:000 francos em titulos.

—Em Baneo, Italia, foi reduzido a cinzas um convento de frades. O fogo tomou tal incremento e tão rapidamente que foram inuteis todos os esforços para o extinguir ou atalhar. Pereceram no incendio dois frades.

—Os japonezes já desembarcaram na ilha Formosa. Consideraveis massas de insurgentes quizeram impedir o desembarque dos japonezes, mas estes repelliram com facilidade os adversarios, causando-lhes algumas baixas.

—Do Cairo participam que o cholera se apresentou de novo em Meca, sendo de temer que a epidemia adquira grande desenvolvimento por motivo das proximas festas do Bairam, que attrahem consideravel numero de penegrinas á cidade santa dos mahometanos.

COMMUNICADOS

O SR. DIRECTOR DAS OBRAS PUBLICAS E AS SUAS PROVAS PARA O POSTO DE GENERAL

O dia 23 de maio ultimo ha de ficar *eternamente memoravel* para esta villa! Logo depois do sol nado não se viam senão operarios das obras do monumento, crusando-se pelas ruas da villa, uns com cabazes cuidadosamente *cobertos*, para evitar qualquer descounfiança de contrabando; outros com borrachos e cestos cheios de garrafas e botijas, e outros, finalmente, com saccos de brôa, distinguindo-se entre todos um com um enorme poceiro de *atum*, que se dirigiam para o palacio do sr. director (o monumento). Mas para que será isto?! Perguntavam alguns. E' o director que vae hoje *á praça* com a sua musica fazer *exercicio* para prestar *provas* para o posto de general. Respondeu um individuo, que estava de lado. E para que é tanto vinho e tanto *apparato*? E' para no fim do *exercicio* dar um brodio a todos; hoje é que de lá ha-de sair cada *cegonha* de alto lá com ella! Quem serão os convidados? Todos os operarios, e todos os *protestantes*, que quizerem comer e beber.

Seriam 5 horas da tarde já se achavam as janellas repletas de formosas damas ostentando seus vestidos de gala; e na praça passeavam inquietos muita rapaziada, a vereação da camara com as suas novas casacas, feitas a capricho pelo acreditado e habil alfaiate Joaquim d'Oliveira Batalha, a maior parte dos *trinta protestantes*, e o *barão d'almofariz*, que de vez em quando dsitava *por debaixo das cangalhas*, de soslaio, uns olhares, cheios de... *ternura* para umas certas janellas.

N'isto ouve-se o toque d'uma corneta. E' élla que tá a dá o tóca da sanal. Diz um dos operarios, por alcunha o Midó, que é tati-bitati. Após o signal da corneta vem logo a philarmonica, e toma logar em bancos adrede preparados para a *ceremonia*, e, quando todas as vistas se fixavam anciosas para o sitio d'onde devia apparecer o futuro general... *Boum*, grita o Midó. O'la, óla, lá vâaa élla, mâ agó na tala conéta (riso entre a rapaziada).

O futuro general vem caminhando gravemente; os convidados formam-se em duas alas, e ao passar pela freute da sua philarmonica esta levanta-se e toca de pé o hymno da carta! A um signal combinado pára de tocar, e faz-se então um sepulchral silencio. Vae fallar o *bravo soldado*!

Começa por agradecer aos signatarios do protesto, dizendo-lhes em tom de fingida commoção, que outra coisa não era de esperar de correligionarios politicos tão amigos, especialmente do sr. escrivão de fazenda como chefe do partido regenerador da Batalha. Que brevemente ia á capital do reino fallar com o Festas sobre a sua promoção a general, e com o João Franco para lhe fazer ver, que ainda aqui tinha trinta amigos dedicados, que o apoiavam em tudo o que as *más linguas* tem alcunhado de abusos, prepotencias e despotismos; mas que antes de se ausentar lhes pedia lançassem mão de todos os meios para tapar a bocca aos que no *Campeão das Provincias* tanto teem escripto contra si e seus amigos.

Terminado o discurso, seguiram todos para o palacio, onde lhes foi offerecido um opiparo jantar, depois do qual houve jogo do chinquilho, e á noite batuque por aquelles que ainda se podiam ter de pé! Eis o que se passou e não o que o *barão d'almofariz* diz na sua correspondencia de 27 de maio no *Correio de Leiria*.

*

Depois de escrevermos o que fica dito, soubemos que entre os signatarios do *decantado protesto* havia grande barafunda, accusando mui desfavoravelmente o sr. director das obras publicas d'elle consentir, que a primeira assignatura fosse a do famigerado official de ferreiro, Adrião Monteiro, da Golpilheira, por ser um mecanico, de terrivel nota, que apenas sabe fazer, e mal, ferraduras; e que o futuro general, logo que isto lhe constou dissera: que bastava ser amigo do seu *petiz* para o ser tambem seu, o que o considerava tão honrado e digno como elle proprio, e que, se só fazia ferraduras, lh'as mandassem para casa, pois precisava d'ellas! Visto isso é preciso agora o redobro de cautella, senão...

Batalha 6 de junho de 1895.

S.

SECÇÃO AGRICOLA

AS PLANTAÇÕES DOS CAMPOS

Téem tomado grande desenvolvimento as plantações dos campos, com abandono da cultura cerealifera. Nas circumstancias economicas actuaes do paiz, em que nos parece que a mais efficaz medida governativa que se promulgasse seria a que favorecesse a producção do indispensavel para o consumo, o pão em primeiro logar, para evitar a sahida de muitos milhares de libras em oiro, que estão quasi esgotadas; a cultura da vinha, extensa como vae sendo, é n'estas condições um grave erro, tanto mais que não podemos contar, com segurança, com mercados, em termos de nos beberem todo o vinho que podermos vender. Para evitar este mal pensam muitos em se decretar a prohibição da cultura da vinha nos campos marginaes de certos rios, ou lançar sobre as plantações d'estes terrenos taes impostos que não convidem os lavradores á exploração.

Nós achamos estas providencias muito violentas e parece-nos pouco defensavel a ideia de prohibir uma cultura, de cuja influencia directa ninguem se quixa. E se os governos devessem egualar as differenças de producção, ha muito que se deviam tomar providencias a favor do Douro, que colhe pouco por elevado preço, e vende mal os productos, principalmente por circumstancias peculiares dos terrenos e condicções de vida das povoações. E o que se da com o Douro, comparado com outras regiões viticolas, dá-se com outras localidades, dentro d'uma região, notaveis pela sua producção excepcional. Então o governo deve egualar, pelo imposto, as differentes localidades? Parece-nos difficil a resposta. Pois se o lavrador tira mais interesses d'uma terra que lhe dava trigo, cultivando vinha, porque não ha de elle cultivar, livremente, a vinha? Bem sabemos que as condicções da nossa economia publica nos embaraçam bastante e podem fazer-nos mudar de pensamento, mas presentemente, em nosso entender não se deve vedar a ninguem a liberdade de explorar os seus haveres como quizer, com tanto que não incommode os outros. Nós bem sabemos que os vinhos de campo são mais ordinarios, e se vendem por menos preço, mas tambem a quantidade de producção restabelece o equilibrio. Em quanto que no Douro 3 pipas por hectare é uma media bem geral no Ribatejo não é pouco commum a producção de 18 a 20 pipas na mesma superficie. N'aquella região custa a postura de um milheiro de bacelo 250 mil réis, na Beira do Tejo este serviço custa de 3 a 5 mil réis. Por aqui se vê que as deseguldades veem de longe e que nos não parece facil fazel-as desapparecer com medidas governativas. O trabalho do homem é que as pode minorar com a sua pericia e actividade.

F. d'Almeida e Brito.

*

AS REGAS

Hoje que o horticultor, e mesmo o agricultor, são muito mais instruidos que outr'ora, quasi que não ha necessidade de lhes lembrar que as plantas que cultivam, longe de darem bom resultado, não poderiam mesmo existir sem a intervenção simultanea do ar, da luz, do calor e da agua. Que um só d'estes elementos, a que podemos chamar *fundamentaes*, falte, ou actue pouco, ou muito pouco, o desenvolvimento da planta fica suspenso ou será muitissimo pequeno.

O ar está sempre á disposição de todos seria mesmo difficil evital-o. Pelo que diz respeito a este elemento, basta só attender a que elle seja puro. O que não é tão facil é obter-se sempre luz sufficiente, principalmente no inverno, quando o ceu está nublado, ou quando chove. Quanto ao calor, existe elle ordinariamente no grau requerido nos paizes temperados, ou antes quentes como Portugal, ou pode ser produzido artificialmente da intensidade que se pretender, nos mais frios paizes da Europa. Póde-se tambem deter alli o frio—ao inverso do calor—por meio de coberturas quaesquer.

Mas a intervenção do quarto elemento, da agua, é talvez o mais difficil de regular, e digamol-o desde já, um excesso da agua é mais funesto que a falta d'ella. O proprio fogo é impotente contra um excesso d'agua, emquanto que em casos de fórtes seccas, apparece sempre meio de se realisar alguma rega. Nos paizes, porém, onde faz muito calor e onde as chuvas são raras, a colheita é nulla ou quasi nulla. E' lá que se procura estabelecer cuidadosamente as irrigações em larga escala, o que tem dado fructuosos resultados. Mas, quando se cultiva em menor escala, em horticultura por exemplo, as regas são quasi indispensaveis. Installar-se bem sob este ponto de vista, deve ser a primeira preoccupação de todo o cultivador, como deve vigiar tambem para que em caso de excesso de chuva as aguas excedentes possam ter prompto e facil escoamento. Mas voltemos ás regas. E' preciso applical-as tanto mais liberalmente quanto a planta é vigorosa e absorvente, e o calor dia a dia mais fórte; deve-se tambem regar sempre de tarde para que durante a noite, que lhe segue, a agua fornecida possa aproveitar á planta. Se, pelo contrario, se regar de manhã, duas ou tres horas depois o sol absorveu de novo tudo.

Vale mais regar amiudadamente, todos os dias, por exemplo, dando pouca agua, ou regar mais raras vezes, com muita agua de cada vez?

Depende das circumstancias. Applica-se o primeiro processo ás plantas herbaceas e o segundo ás plantas lenhosas. N'este ultimo caso, se se pretende que as regas applicadas aproveitem mais e o mais longo tempo possivel, é bom cobrir a terra regada de uma camada de palha, folhas seccas, estrume de curral etc., o que impedirá uma muito rapida evaporação. O emprego d'esta cobertura é de tão grande resultado, que applicadas logo, desde o principio, fazem com que não seja preciso recorrer ás regas senão muito tarde, ou mesmo prescindir d'ellas, se a estação não fôr em demasia secca. Fazei a experiencia em dous alegretos do vosso jardim, amigo leitor, deitando palha triturada n'um, e deixando o outro sem cobertura, e verificareis que o descoberto estará completamente secco no fim de poucos dias, emquanto o coberto se conservará relativamente fresco. A camada de palha, em todos os casos, não deve ter mais de 2 a 3 centimetro de espessura. Recommendamos calorosamente este systema defensivo das seccas, especialmente nos logares condemnados a soffrerem falta d'agua. Um outro meio para fazer aproveitar á planta o mais longo tempo a agua de rega que lhe foi dada, é enterrar junto, ou á volta d'ella, um ou muitos vasos de flores, até ao bordo superior, enchel-os d'agua onde se póde mesmo dissolver um pouco de adubo. Esta agua passa então, gotta a gotta, atravez o orificio do fundo do vaso á medida que a planta tiver sêde, não se perdendo assim nenhuma inutilmente.

*

CLARIFICAÇÃO E FILTRAGEM

Estas duas beneficas praticas œnologicas são pouco usadas pela generalidade dos productores. Todavia é bem sabido que a perfeita limpidez de um vinho indica a sua boa conservação, e dá ao paladar um sabor mais franco e fino; mas os productores, mesmo os que conhecem os bons effeitos da limpidez do vinho, não usam, como é preciso, os meios de o limpar.

Bem sabemos que os processos de vinificação, empregados com cuidado, podem, em muitos casos, tornar dispensaveis estas praticas, mas não se deve esquecer que são uteis e proveitosas. E muitas vezes não se vende o vinho, ou vende-se mal, por falta de limpeza, que é muitas vezes produzida pelas substancias albuminosas e não pela abundancia de materias corantes.

Todos sabem que a presença do tanino concorre para dar limpidez ao vinho, principalmente ao tinto, mas são muitas e variadas as causas que prejudicam esta limpidez.

Os vinhos finos, generosos, precisam tratamento mais cuidado e maior demora nas adegas; se estes vinhos são engarrafados cedo adquirem uma turvação, que se manifesta ao abrir das garrafas. Os vinhos de pasto, brancos, são sempre mais turvaveis do que os tintos. Em climas mais frios, nos vinhos feitos em separado do bagaço, estes vinhos fermentam incompletamente e ficam turvos por muito tempo, desagradaveis á vista, e algumas vezes com mau gosto.

N'este genero de vinhos, os melhores, mais finos e mais apurados em côr, que temos visto, são os do sr. conde d'Alpendurada, de Lamego. Mas a clarificação do vinho tinto não se faz, no nosso paiz, porque os viticultores receiam que elles percam, por esta operação, a sua côr; mas, tomando-se conta na quantidade e qualidade do clarificante, póde se operar sem provocar qualquer alteração na composição do vinho; e portanto na sua côr. A boa *terra de Hespanha* é um clarificante energico que produz algumas alterações e que só póde empregar-se quando o liquido está em ligeira fermentação. A clarificação do vinho branco quasi sempre exige o emprego prévio de tannino, o que causa uma certa difficuldade em operar, mas a escolha do clarificante, limpa-se o vinho com facilidade. A filtração ainda limpa os vinhos mais depressa do que a clarificação, mas é ainda menos empregada. O movimento do liquido produz um enfranquecimento no perfume e no sabor do vinho, devido á absorpção do oxigenio, mas o repouso melhora-o; basta, pois, escolher o filtro, de boa qualidade. A addição d'um pouco de gelatina ao vinho é, em geral, de bom effeito, e é sempre eliminada com facilidade, mas os legisladores reprovam, mal em nosso parecer, este processo de tratamento. Emquanto se não formaram associações viticolas e sociedades œnologicas, que tratem, em commum, grandes quantidades de vinhos, os bons processos de vinificação ficarão sem uso geral. Nos grandes estabelecimentos œnologicos de productores ou de commerciantes, será facil a applicação d'estes processos. Mas, até se formarem estes estabelecimentos, os consumidores beberão vinhos turvos e os productores venderão muitos vinhos baratos, dos quaes os negociantes habeis tirarão bons lucros, sómente por meio de algumas clarificações.

SECÇÃO LITTERARIA

NEVROSE DE POENTE

Pela Chaga do Occaso esvai-se o Dia em Sangue...
Caem lentas, subtis, agonias d'opala...
Luto na serra... A Luz estertorisa exangue...
O Oceano entôa o «De profundis...» Não se cala,
Solitaria, nos negros aridos fraguedos
A alcyone que chora uma saudade antiga
Bordada d'Illusões, de Sonhos, de Segredos...
Pela extensão do Mar que a minha vista abriga
Nem uma vela põe um riso de brancura
N'essa mudez sanguinea e má que me tortura,
Que me entristece a Alma e me faz muita pena!
Ha deliquios d'Azul laivados de gangrena...
Vem breve a Lua dar a Extrema-Unção do luar
—Pranto lacteo a diluir a rubidez do Poente,
A pratear e a dissolver o Sangue no Ar...
A nevrose do Sangue!... Eu sinto-me doente:
Ouço perto gritos selvagens d'assassinos,
Vejo punhaes... O Sangue!—histeria da Côr!
Mata-me n'Alma os meus idilios cristalinos,
Sá-me suffocações horriveis d'estertor!
O' STELLA MATUTINA! O' Luz divinisada!
Apaga-me esta febre intensa de Sol-Posto!
Quero o luar do teu olhar, Sonho de Fada!
Luar azul na manhã fresca do teu rosto!
Dá-me para mortalha o teu olhar siderio;
Morro... e ha-de ser teu peito o cemiterio,
E teu cabello o meu caixão—caixão doirado!
Thalamo virginal d'este ethereal Noivado!

Mas não me deixa esta visão ensanguentada!
Que torturante spleen... que insuportavel Vida!
Sinto, junto de mim, da funeral jazida
A sombra vaga e triste, a sombra desejada...
Minha Alma já não tem as Chymeras bemditas
Que fazem da Existencia as vias tão bonitas
Que põem flores onde eu só vejo espadas nuas...
Nas minhas trevas já não podem rir as luas
Phosphorejantes dos ingenuos, das creanças...
Acompanhei ha tempo á Cova das Esperanças
A Crença, as Illusões, o meu Sonhar doirado!
Que triste ver nascer ebrio de Luz um Astro
Para logo morrer na Treva suffocado!...
A Imagem vaga dos meus Sonhos d'alabastro
—Sonhos frios como as steppes da Siberia!
Essa que ri na treva opaca do meu peito;
Que não conheço, mas é linda, pura, etherea;
Que, sem saber se existe, amo, adoro e respeito!
A que no meu luctuoso e frio coração
Faz por vezes nascer luisancias diamantinas,
Exitantes, a preludiar uma canção
—Hera verde a cantar n'um castello em ruinas!
Essa que os Anjos tem talvez no Céo p'ra mim,
Sonho de perola e topazio e rubim,
Baixe os seus olhos sideraes cheios de Graça,
—Embaixadores da Crença em paiz da Desgraça!
A este deserto d'Alma, a esta aridez nua
Onde não ha flores, onde o Sol não estua,
E me tire da Vida—esta galé sombria,
Desfazendo os grilhões da minha Nostalgia!

Ainda o Sangue! Ainda a Luz em convulsões!
Soffro dos nervos... como isto me faz mal!
Meu Deus! meu Deus! apaga este Poente infernal
Ebrio de Sangue, a vomital-o em borbotões!
Deliro... ao pé de mim vejo assassinados...
Tisicos a tossir... cadaveres pendurados
De forcas espectraes pintadas d'escarlate...
Chagas abertas... epilepticos morrendo
A escumar Sangue... olhos sem vêr... labios gemendo...
Que cahos d'horror n'este Poente d'oiro-mate!...

Desmaia o Sangue... o Luar, somnambulicamente,
Desvanece o sabbat de rubros estertores...
O Luar é meu amigo; amigo e confidente:
Conta-me um Sonho azul todo bordado a flores!
Falla-me do Passado... choro... é bom chorar
Quando nos rasga o peito alguma Dor latente...
Bemdito sejas tu meu palido Luar!
Extingues na minha Alma este febre de Poente!

ELISIO DE LIMA.

O TEU NOME

(INEDITA)

Talvez ninguem fosse amado,
como tu foste por mim!
—Via o teu nome gravado
no céu, no mar, no jardim!—
Via-o do campo nas flôres!
Via-o nas mimosas côres!
Das estrellas nos fulgores,
pelos espaços sem fim!

O teu nome era um segredo,
que eu tinha no coração!
Pronunciava-o a medo,
ás vezes, na solidão!
—E, quando o sol se escondia,
apoz um formoso dia,
saudoso o teu nome eu lia
do mar na vasta amplidão!—

Pelas noites mais formosa
das estrellas no brilhar,
lembrando noites saudosas
fui teu nome soletrar!
—Amava a etherea grandeza
e, dos astros á belleza,
sentia minha alma presa,
só no teu nome a scismar!—

Nos cantos ternos e ledos,
que entoava o rouxinol,
escutava, entre arvoredos,
o teu nome ao pôr do sol!
—Na primavera eu buscava,
quando a aurora despontava,
ver, se o teu nome encontrava,
nas bellezas do arrebol!—

Com tanto rigor comigo
este segredo guardei,
que até (com prazer o digo),
egoista me tornei!
Eu quiz, que só fosse amado
por mim teu nome adorado,
como um thesouro encantado,
que entre flores encontrei!

Quando o vento sibilava,
quando surgia o trovão
e, de medo, palpitava
mais oppresso o coração,
se o teu doce nome ouvia,
por uma extranha magia
já tudo se convertia
em natural mansidão!

Eu lia-o na branca rosa
do mais formoso jardim!
Parece, que a mariposa
o segredava ao jasmim!
Do estro viva centelha
me animava, quando a abelha
beijava a rosa vermelha,
beijava a flôr do alecrim!

O teu nome era um mysterio,
que, do coração, amei!
Via-o no espaço sidéreo,
na solidão o estudei!
—Se no campo a flôr olhava,
teu nome, que eu tanto amava,
parece, que o encontrava
na que eu mais bella julguei!—

Nos meus labios tal doçura
sentia, ao pronunciar
teu nome, que essa ventura
julguei não dever gozar.
E então buscava somente,
que o murmurio da corrente
ou que as brizas docemente
m'o quizessem segredar!

Sempre em toda a natureza
li teu nome e o escutei.
Mas tenho firme certeza
de que nunca o revellei!
—Na praia, sosinho estando,
n'uma tarde, em ti pensando,
na areia o ia traçando
mas, de repente, parei!—

Nenhum vestigio eu quizera
do teu nome deixar lá!
—Nem o mar, se ler soubéra,
teu nome soletrará!
—Se comigo tem vivido
um segredo tão querido,
de ninguem será sabido
e comigo morrerá!—

Ainda agora procuro
guardar no meu coração
teu nome, tão santo e puro,
como o fôra esta paixão!—
—Se o revelasse, perdia
teu nome toda a magia,
onde, em estos de poesia,
eu buscára a inspiração!—

RANGEL DE QUADROS.

CARTA DE LISBOA

7 de junho de 1895.

E' ainda a questão Nyassa a que mais prende a attenção publica. O sr. João Arroyo fez a convocação dos seus parciaes, que se reuniram no dia 6, na rua da Prata, onde a companhia tem a sua séde. Considerando-se em numero para funccionar—em numero d'acções que para isso habilitam—deram principio aos seus trabalhos, mas a poucos passos julgaram conveniente suspendel-os e a reunião terminou abruptamente, pois que a requerimento do sr. visconde d'Asseca e por mandado judicial foram intimados para não continuarem. O acto produziu nos assistentes tal impressão, que julgaram melhor recolher-se a penates. O official do juizo commercial encarregado da diligencia fez-se acompanhar por policias, o que chegou a produzir na rua reparos significativos. A reunião d'esta parte da companhia, da parte d'ella que se deixa influenciar por gente tão manchada e tão mal vista geralmente, significa apenas o mais extraordinario dos contrasensos, senão é mesmo o extremo da pouca vergonha.

Que o governo tem sérios comprometimentos n'esta malfadada questão, é fóra de duvida, e tanto assim que me affirma pessoa competente, que ella é das que mais o compromette. Veremos no que isto fica, mas por emquanto ha quem aposte mais, e com mais fundamento, pelo triunfo da causa a que está ligado o nome honrado do sr. visconde d'Asseca.

— A imprensa ministerial continua a attribuir ao distincto publicista sr. dr. Barbosa de Magalhães, o artigo editorial ha dias publicado no *Correio da Noite* sob o titulo—Oiça El Rei.

— O sr. infante D. Affonso vae partir para Londres. Destina-se a representar El-Rei e Sua Magestade a Rainha nas festas do casamento da princeza Helena d'Orleans.

—Regressou hontem de Braga, onde teve a mais amistosa e captivante recepção o sr. Marquez de Vallada. O illustre titular demora-se agora na sua casa de Lisboa.

—O sr. Conselheiro Elvino de Brito, que foi inspeccionar as escolas praticas de agricultura do norte, deve regressar ámanhã a Lisboa.

— O sr. conselheiro Elyzeu de Serpa, que esteve em estudos praticos para as provas da sua promoção a general, reassumiu ante-hontem o seu logar d'administrador geral da fiscalisação das alfandegas.

— O muito erudito sr. Augusto de Castilho, realisou hontem na Sociedade de Geographia uma conferencia sobre a ilha de S. Thomé e golpho de Benin. Assistiu grande numero de pessoas entre as quaes muitos lavradores e negociantes d'aquella ilha, sendo o illustre orador calorosamente applaudido por todos os assistentes. O seu apparecimento, fallando em publico, atrahe sempre grande concorrencia porque ha sempre que aprender no que elle diz.

— Do sr. tenente Antonio Duarte da Costa, ajudante de infanteria 2, recebeu o *Correio da Noite* uma carta de que extrahi os seguintes interessantes periodos:

> «Bordo do «Zaire», 7 de maio de 1895.—Chegámos a Lourenço Marques no dia 4, ao meio dia, depois d'uma viagem de 25 dias que foi, segundo os experimentados, uma verdadeira maravilha. Hontem, 6, desembarcámos aqui a 1.ª e 2.ª companhias, e eu devo seguir hoje com o commandante e as outras duas companhias para Inhambane. O conselheiro Ennes acompanha-nos tambem. Desde que te escrevi de S. Thiago, nada de novidade tem occorrido. Tenho sempre experimentado a melhor saude e excellente disposição de espirito. Todos a bordo estão como eu, e fazemos votos para assim continuar, e se nas operações, que em breve vamos encetar em terra, formos tão felizes como no mar, nada temos a desejar. Chegámos a Mossamedes a 24, ás 2 da tarde, onde desembarquei para ir cumprimentar o governador em nome do commandante. E' realmente muito bonita a cidade (duas ruas apenas) e muito asseiadas. Alli encontrei o meu muito amigo Victor Cordon, com quem fui almoçar, a sua casa, e por quem fui desmedidamente obsequiado, deixando-me muito agradaveis recordações a minha estada alli. Sahimos de Mossamedes a 25, ás 4 da tarde, e até agora sempre a mesma felicidade, que apenas para mim foi interrompida pelo desgosto da perda do meu camarada, o Manuel, que bem conhecias, e que foi victimado por uma pneumonia! Pobre rapaz! Não calculas a magua, a impressão, que a morte d'esse soldado me tem produzido.
>
> Tenho ido todos os dias a terra. E' lindissima a cidade, mas só ricos aqui pódem viver. E' uma colonia ingleza. Só ouço fallar em libras, mil libras, milhares de libras! A reles «cerveja de pipa», 250 réis, e não presta! Ovos 120 réis cada um. Uma ceia de carapau frito, que 6 dos meus collegas fizeram (por destastio de bordo) custou-lhe a bagatella de...... 8$000 réis!! Emfim não fazes ideia quanto a vida é cara. Ha hoteis bem montados, mas dizendo-te eu que cada um (dos melhores) paga 200 libras de renda de casa, por mez, tu poderás calcular quanto devem exigir a um desgraçado hospede. A casa onde habita o coronel Galhardo, commandante das forças expedicionarias, tem 4 «cubiculos» e custa ao governo 144 libras cada anno! Doze libras mensaes! Emfim, é tudo libras e mais libras. O que é barato são sedas, flanellas, fatos e tabaco, tudo o mais, nem é bom fallar n'isso! O que me vale é que vou para Inhambane onde, segundo me affirmam, a vida é mais em conta.
>
> Quando chegar a Inhambane escreverei. As forças desembarcadas aqui já seguem amanhã para Massaquene (parte d'ellas), afim de escoltarem um comboio de viveres para as forças que alli se acham, porque os malandros dos pretos roubam tudo que não vae acompanhado por força armada.»

—O *Diario do Governo* publíca uma portaria mandando applicar, desde 1 de julho proximo, ás provincias ultramarinas as disposições do Codigo de Processo Commercial, observando-se, porém, quanto á organisação, instituição, competencia e alçada dos tribunaes do commercio da 1.ª instancia e ao recenseamento e quanto ao sorteio dos respectivos jurados, o que especialmente prescreve o regimento da administração da justiça nas referidas provincias ultramarinas approvado por decreto de 20 de fevereiro de 1894; e ficando incumbidas as commissões, nomeadas pelo officio circular de 28 de dezembro ultimo, de estudar e propôr as modificações necessarias e as providencias tendentes a melhorar e a facilitar a execução d'esse Codigo.

—Effectuaram-se os seguintes despachos administrativos:

Presbytero Francisco José Barbosa, exanerado por não ter tomado posse do cargo de capellão do santuario de Nossa Senhora do Amparo, da freguezia da Apulia concelho de Espozende.

Presbytero Jeronymo Gonçalves Chaves, nomeado para o referido logar.

Hans Wilhelm Peters, subdito allemão naturalisado portuguez.

Armando da Silva, exonerado de administrador do concelho de S. João de Areia.

Bacharel Augusto Coelho Sobral, nomeado para o referido logar.

Bacharel Domingos de Castro Meirelles exonerado a seu pedido de administrador substituto do concelho de Guimarães.

Visconde de Sindello, nomeado para o referido logar.

João Cardozo de Figueiredo, nomeado administrador substituto do concelho de Vouzella.

Bacharel Aurelio Augusto Mexedo da Guerra Velho, nomeado substituto do auditor administrativo do districto da Guarda.

— Fizeram-se os seguintes despachos de fazenda:

Francisco Antonio Pereira, escrivão de fazenda do concelho de Villa Nova de Ourem, transferido, a seu pedido, para Pinhel.

José Diogo de Lemos, idem de Villa do Bispo transferido para Villa Nova de Ourem.

Nanuel Augusto Pinto de Vasconcellos, idem em S. Vicente, transferido para Villa do Bispo.

Basilio Matheus de Lima Junior, idem em S. João das Areias, transferido para Ponte da Barca.

José Roque Coelho, idem em Alvaiazere, transferido para S. João das Areias.

Joaquim do Espirito Santo Ferreira Junior, idem em Lagens das Flores, transferido para Alvaiazere.

Antonio Benedicto Pinto, idem em Angra do Heroismo, transferido para a Alfandega da Fé.

José Joaquim Ferreira, idem em Maçãs, transferido para Mertola.

Antonio Maria Lopes, idem em Lagôa, districto de Ponta Delgada, transferido para Mação.

Antonio da Cunha e Oliveira, nomeado escrivão de fazenda do concelho de Salvaterra de Magos.

— Effectuaram-se os seguintes despachos de instrucção publica:

Amalia Machado, nomeada para o logar de sub prefeita da escola Maria Pia, de Lisboa.

Nomeados definitivamente:

Francisco Bernardo Andrade, na cadeira do sexo masculino de Vermiosa, Figueira de Castello Rodrigo.

João Domingues, na de Terrenho, Trancoso.

João Marques Gonçalves, na de Porto da Carne, Guarda.

José Ramos d'Andrade, na de Frechas, Trancoso.

Manuel Fernandes Antonio, na de Aldeia do Bispo, Guarda.

Emma Lopes Cardoso, na do sexo feminino de Barcellos.

Gracinda da Cruz, na do sexo masculino de Penha de Aguiar, Figueira de Castello Rodrigo.

Isabel Rua da Silva, na do sexo feminino de Santa Luzia, ilha do Pico.

Julia da Conceição Carvalho, na freguezia da Magdalena, Thomar.

Maria dos Prazeres Almeida Fraga, na de Mello Gouveia.

Rita da Conceição Fortes da Silva Ramalho, na de Vimieiro, Arrayolos.

Rosa de Jesus da Costa, sexo masculino d'Arnoia, Celorico de Basto.

Thereza de Jesus Ferreira, na mixta de Castello Rodrigo, Figueira de Castello Rodrigo.

Providos temporariamente:

Clementina Candida Pedrosa da Silva, na cadeira do sexo masculino de Marinha, Figueira da Foz.

Maria do Carmo da Silveira Machado, na do sexo feminino de S. João do Campo, Coimbra.

Philomena d'Avila, na do sexo feminino de Mezes, Velas, ilha de S. Jorge.

Transferencias:

Bazilio Antonio Ferreira, da cadeira de Tres Minas, Villa Pouca de Aguiar, para a do Moge, Macieira de Cambra.

Manuel Joaquim Mendes da Fonseca, da cadeira de Vinhó, Gouveia, para a de Moimenta da Serra, do mesmo concelho.

Rodrigo Nunes Callado, da cadeira de Salreu, Estarreja, para a de Palhaça, Aveiro.

Aurelia Gracinda de Moraes, da cadeira do sexo masculino de França, Bragança, para a de Salsellas, Macedo de Cavalleiros.

Casimira Rainho Larangeiro, da cadeira do sexo feminino de S. João de Campo, Coimbra, para a de Monte-Mór-o-Velho.

Maria Luciana Affonso e Cunha, da cadeira do sexo masculino de Fermedo, Arouca, para a de Salreu, Estarreja.

Augmento de 25 p. c.

Maria da Conceição da Silva Marques Portugal, da cadeira de Quiaios, Figueira da Foz, sobre 120$000 réis, a contar de 5 de setembro de 1894.

—Sem effeito a transferencia para a cadeira de Villarouco, S. João da Pesqueira, de Joaquim Bello de Araujo, professor em Samodães, Lamego.

Y.

—

A' ultima hora.—Alguns amigos do governo vendo o perigo que lhe provém da questão do Nyassa, tratam de pacificar os dissidentes, requerendo os neutraes, que representam cerca de 100:000 acções, ao juiz do Tribunal do Commercio que mande convocar a assembleia geral da mesma Companhia para n'ella se apurar qual o *comité* estrangeiro que está na legitima posse da concessão e serem nomeados novos administradores de modo a ficar assim legalisada a Companhia e ter então o governo junto de ella o seu commissario régio, isto sem prejuizo da acção dos tribunaes para apuramento de irregularidades e fraudes, se as ha. Esta ideia tem sido bem acolhida, porque poria termo ás luctas, proporcionando ao mesmo tempo ao governo o ensejo de o tirar de abstenções. Isto parece ser um calmante, mas não é uma resolução que termine o conflicto. Veremos o que fazem.

— El-Rei parte domingo para S. Pedro do Sul. A volta da familia real verifica-se pela linha do norte. Suas Magestades seguirão de S. Pedro do Sul para Castro Daire, d'alli para Lamego, Regua e Campanhã, demorando-se nos differentes pontos apenas o tempo preciso para as refeições.

Y.

CARTA DE COIMBRA

7 de junho de 1895.

Os periodicos d'esta cidade, exceptuando *o affeiçoado ao governo* (é muito pobre este *governo* que tem só um *defensor* no centro da sciencia de Portugal!...) continuam a carregar com toda a força na cabeça do pobre do *João Regato* pela *infelicidade* que teve com a *fraqueza do Nyassa*. São *muito maus* estes nossos collegas!... Então porque um pobre homem, que começou a sua infelicidade com o ministerio da instrucção publica, teve a infelicidade de cair mais n'uma *desgraça*, nós havemos de *desgraçal-o* ainda mais?!... Parece-me crueldade fóra dos limites humanos. A obrigação do homem, que fôr, como todos devemos ser, verdadeiramente caritativo—é ter compaixão dos desgraçados: e o *João Regato* pertence ao numero d'elles. Deixai, pois, caros collegas, o pobre do homem em socego e não lhe aviveis mais essa *chaga social*, que o decorrer dos seculos jámais cicatrisará, porque a historia dos povos vai registal-a já na pagina destinada aos *infelizes da patria*. Que mais castigo se poderá infligir a um infeliz?

— Começaram os actos de direito. No dia 31 houve duas reprovações no primeiro anno. No dia 1 passaram todos. No dia 3 faltou um alumno do 1.º anno. No dia 4 houve uma reprvação no 3.º anno. No dia 5 houve uma reprovação no 1.º anno. N'este dia fizeram acto e foram plenamente approvados os nossos amigos srs. Antonio Julio do Valle e Sousa, distincto alumno do 1.º anno, natural d'esta cidade, e André João dos Reis, estudioso alumno do 4.º anno, natural do Brazil, mas residente n'essa cidade, d'onde é sua familia. Aos dois intelligentes moços os nossos sinceros parabens.

— A meza da Santa Casa da Misericordia acaba de decidir que se conceda aos estudantes subsidiados pela Sociedade Philantropica Academica, os soccorros clinicos e pharmaceuticos de que os mesmos careçam. Esta acção é verdadeiramente benemerita e digna de se registar.

— A desmoralisação governamental vae-se infiltrando dia a dia no ingenuo povo das aldeias. Estamos em paiz perdido. A crença religiosa desapparece d'aquelles que foram educados n'ella, porque a corrupção dos grandes arrasta os pequenos. A dignidade pessoal já quasi não existe. O respeito pela honra e virtudes dos outros é quasi nullo. Os pasquins infamadores apparecem já pelas aldeias, por emitação ao que se faz nas *grandes* cidades. D'esta vez foi a pitoresca freguezia de S. João do Campo o theatro d'uma d'estas façanhas que provam á evidencia a queda proxima d'um paiz que fôra n'outro tempo grande na religião, na moral e na virtude. Acabam de ser presos, e de confessarem o crime, dois diffamadores d'uma rapariga d'aquella povoação, uma tal Maria Nobre, que foi brutalmente offendida n'uns pasquis que estes dois pulhas affixaram pelas esquinas das paredes das casas que ficam em sitios mais frequentados.

E' conveniente estampar aqui os nomes d'estes dois infames, para que aquelles que os conheçam, os desprezem para sempre. A' justiça compete castigar tão grande infamia para servir de correctivo a outros que se lembrem porem-na em pratica. Que não se perca tudo por completo. Chamam-se os diffamadores: Manuel Jorge Gandarez e José Costa Junior.

— As festas de Santo Antonio dos Olivaes correram este anno com menor animação. O povo está mal e cada vez estará peor.

— Está completo, e foi um dos volumes mandados pela secretaria do lyceu d'esta cidade, o compendio de philosophia, de que é auctor o nosso bom amigo sr. dr. Clemente Gomes Pereira de Carvalho. Sobre a nossa meza de trabalho temos um exemplar que s. ex.ª nos offereceu. Vamos lêl-o com attenção e fallaremos d'elle na proxima correspondencia.

— Quando hoje, 7, vinha da Universidade, depois de terem acabado os actos de direito, foi accommettido por um insulto apopletico, que o atacou com muita força, o nosso respeitabilissimo amigo, sr. dr. Sanches da Gama, um dos ornamentos da faculdade de Direito. O estado de sua ex.ª é muitissimo grave. E' seu medico assistente o sr. dr. Daniel de Mattos. Do coração desejamos que sinta em breve alguns allivios e se possa restabelecer.

Reisête.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Não são inteiramente favoraveis para a Hespanha as noticias que chegam de Cuba. O general Martinez Campos, arreceiando-se de um pronunciamento geral, pediu o reforço de 6 batalhões e de mais dinheiro. O governo manda-lhe 10 e bastante capital. Alem d'isso mandou abrir um alistamento voluntario, com destino ao augmento do exercito da colonia e isso faz crer, que as coisas alli não correm bem.

Do resto da Europa nada ha digno de mencionar-se.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

CICLES «IMPERATOR».—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO DE VAGOS

POR esta administração do concelho, se faz saber, em conformidade do art.º 415 do Codigo Civil, que se acha depositada na secrêtaria da mesma administração uma libra em ouro, que foi áchada por Roza Nunes no dia 3 do corrente mez, na estrada da Senhora de Vagos, a qual será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Vagos, 6 de junho de 1895.

O administrador do concelho,
Augusto Cezar Sampaio.

DECLARAÇÃO

FOI despedido do logar que tinha na casa *Singer*, em Aveiro, o sr. José Dias da Costa.

O chefe da casa,
Luiz Peixoto de Magalhães.

CASA

VENDE-SE a casa que pertenceu a João Ferreira da Encarnação, situada na rua de Santa Catharina, d'esta cidade. Quem pretender compral-a dirija-se a José Maria Coelho ou a Silverio Ferreira da Encarnação.

CASA

VENDE-SE uma de dois andares, sita na rua d'Alfandega, d'esta cidade. Para tratar com D. Maria do Rosario Amorim—Rua de Santo Antonio—AVEIRO.

VENDE-SE

A casa e horta, sita na rua de Santo Antonio, pertencente á familia Ravara. Para tratar, José Ferreira da Cunha e Souza, d'esta cidade de Aveiro.

AS HERNIAS

(RUPTURAS)

As pessoas affectadas d'esta terrivel enfermidade, vivem n'um perigo constante se não usarem um apparelho-funda perfeitamente apropriado para as rupturas de que padecem. **Uma funda** impropria da ruptura de que se soffra, faz com que esta se desenvolva e se torne n'uma ruptura escrotal e até mesmo epiplosa, o que occasiona atrozes soffrimentos e ás vezes a morte.

Se quereis livrar-vos d'esse incommodo e perigo, seja qual fôr o estado de vossas hernias (rupturas), **dirigi-vos com toda a confiança** á casa especialista em apparelhos orthopedicos e fundas, de Camillo Martins de Araujo, o qual, com verdadeiro e profundo conhecimento d'esses males, vos fará e applicará fundas de sua especialidade, **que curam a muitos** e preservarão a outros do perigo em que vivem.

Não confundir esta casa com outra. Esta é a segunda, ao cimo da rua de D. Pedro, 141, proximo á Cancella Velha; leia-se na taboleta o nome de

CAMILLO MARTINS D'ARAUJO

Porto

MANTEIGA NACIONAL

FABRICA

EM

PRAIA D'ANCORA

EMPREZA

CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.ª

PRAIA D'ANCORA

CASA AFRICANA

ESTA antiga casa sita na rua da Victoria, 35 a 41, Lisboa, é um estabelecimento de 1.ª ordem, que se recommenda pela variedade e abundancia dos sortimentos, pela delicadeza dos proprietarios e pela seriedade das transacções. Em sedas e lãs, especialmente, não ha estabelecimento que possa competir com a *Casa Africana*.

Recommendamol-a, por isso, ás nossas leitoras, pois que é no genero uma das casas mais importantes e ao mesmo tempo mais acreditadas de Lisboa.

ESTABELECIMENTO BALNEAR-HOSPITALAR DAS CALDAS DA RAINHA

O director do hospital real das Caldas da Rainha e seus annexos, participa que no proximo dia 15 de maio será inaugurada a época balnear-hospitalar do corrente anno, terminando esta no dia 31 de outubro. No hospital balnear serão admittidos todos os enfermos indigentes que se apresentarem com attestado de pobreza passado pelo parocho da sua naturalidade ou domicilio, vindo este acompanhado por uma certidão passada pelo escrivão de fazenda do concelho a que pertence o doente, declarando que este não paga de contribuição predial e industrial mais de mil réis annuaes, e bem assim de um attestado de medico indicando que o doente precisa fazer uso d'estas aguas sulfureas, mencionando a doença de que elle se acha atacado, sendo todos estes documentos rubricados pelo respectivo administrador do concelho. Os doentes que apresentarem estes documentos, tambem poderão fazer uso d'estas thermas, sem serem internados no hospital. No estabelecimento balnear, as aguas sulfureas que brotam dentro d'este edificio, podem ser applicadas em banhos de immersão, puras ou misturadas com agua commum ou salina natural, tendo a temperatura que se desejar; assim como tambem podem ser applicadas nas mesmas condições, em douches escoceses, circulares, de jorro, de chuva e de agulheta com differentes terminações. Além do uso interno d'estas aguas ellas podem ser egualmente ministradas em pulverisações e inhalações, quer naturaes quer artificiaes, começando estas ultimas applicações no 1.º dia do proximo mez de junho. Contadoria do hospital real das Caldas da Rainha, 1 de maio de 1895.

O director,
Rodrigo Maria Berquó.

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das

AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS

do Doutor DEHAUT de Pariz.

2$50 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o SELLO da UNION DES FABRICANTS applicado como um sello do correio é uma FALSIFICAÇÃO contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio este bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uzo das thermas dos Cucas e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,
Ernesto Nobre.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Na Fabrica da Fundição do Ouro, existem em boas condições de venda:

1 Machina lythographica systema **Allousét.**

1 Machina e caldeira de vapor, locomovel, systema **Pantin** da força de 4 a 5 cavallos.

1 Dita, idem, idem, vertical, da força de 6 cavallos uteis.

1 Dita, idem, idem, horisontal, **Pantin,** locomovel, semi-fixa, de 6 a 8 cavallos de força util.

1 Dita, idem, idem, idem, **Pantin** de 10 cavallos effectivos.

1 Dita, idem, idem, idem, de 15 a 20 cavallos effectivos.

Fogões de cosinha de fogo circular, de grandes e pequenas dimensões, os mais economicos em combustivel, que se conhecem.

Bombas aspirantes e de repuxo para todas as profundidades e alturas, **e prensas para azeite.**

Estanca-rios com bombas aspirantes e de rosario de variadas proporções.

Charruas **S. S.** as mais uteis até hoje conhecidas.

Porto 15 d'abril de 1895.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 °/₀. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 °/₀ quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 °/₀ das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela,** mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

O pagamento das cautelas premiadas, é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
José Murinello.

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—(*)—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYES, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA.

MUITO GRANDES, MARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0 1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bicarbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÉ ALVES

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto-porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos.

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT A.M

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

Proprietario e responsavel

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.